

UNIVERSIDADE TIRADENTES

DIEGO NUNES DOS SANTOS

LUIZ VIEIRA DOS SANTOS NETO

CHEGA DE SAUDADE- A HISTÓRIA E AS HISTÓRIAS DA BOSSA NOVA: UMA
ANÁLISE DE CONTEÚDO

Aracaju - 2018

DIEGO NUNES DOS SANTOS

LUIZ VIEIRA DOS SANTOS NETO

CHEGA DE SAUDADE- A HISTÓRIA E AS HISTÓRIAS DA BOSSA NOVA: UMA
ANÁLISE DE CONTEÚDO

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Universidade Tiradentes
como um dos pré-requisitos para a
obtenção do grau de Bacharel em
Comunicação Social com habilitação
em Jornalismo.

ORIENTADORA

Profa. Talita de Azevedo Déda

Aracaju – 2018

DIEGO NUNES DOS SANTOS

LUIZ VIEIRA DOS SANTOS NETO

CHEGA DE SAUDADE- A HISTÓRIA E AS HISTÓRIAS DA BOSSA NOVA: UMA
ANÁLISE DE CONTEÚDO

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Universidade Tiradentes
como um dos pré-requisitos para a
obtenção do grau de Bacharel em
Comunicação Social com habilitação
em Jornalismo.

Aprovado em ____/____/2018

Banca Examinadora

Talita de Azevedo Déda
Universidade Tiradentes - UNIT

José Juvino da Silva Junior
Universidade Tiradentes - UNIT

Juliana Correia Almeida e Silva
Universidade Tiradentes - UNIT

Aracaju - 2018

AGRADECIMENTOS

Aos nossos pais, Luiz Ismael Madureira Vieira dos Santos e Selma Meneses Madureira Vieira dos Santos; e José dos Santos e Edilma Nunes Santos, que tanto ansiaram pela realização deste trabalho.

A todos os colegas do curso de Jornalismo, por quatro anos de parcerias, colaborações e amizades, que esperamos levar para toda a vida. A coordenadora, Valéria Cristina Bonini, sempre disposta a ajudar em nossos momentos de apuros.

Aos professores, por toda a sua dedicação em colaborar para o nosso aprendizado. Especialmente as professoras Andréa Karla Ferreira Nunes e Talita de Azevedo Déda, pois sem elas este trabalho não teria sido possível.

Vai minha tristeza
E diz a ela que sem ela não pode
ser
Diz-lhe numa prece
Que ela regresse
Porque eu não posso mais sofrer.

*Antônio Carlos Jobim e
Vinícius de Moraes*

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar os elementos e as características do Jornalismo Literário e do Livro-Reportagem presentes na obra *Chega de Saudade- A História e as Histórias da Bossa Nova*, de Ruy Castro. A intenção é identificar como essas características ajudaram a construir o discurso jornalístico e narrativo do objeto analisado. Para isso foi identificada e estudada a narrativa da obra, contextualizando-a com os diversos conceitos do Jornalismo Literário e do Livro-Reportagem, através de uma análise de conteúdo.

Palavras-chave: Jornalismo Literário, Livro-Reportagem, Ruy Castro, Chega de Saudade.

ABSTRACT

This work aims to analyze the elements and characteristics of Literary Journalism and the Book-Report present in the work *Chega de Saudade- The Stories and Stories of Bossa Nova* by Ruy Castro. The intention is to identify how these characteristics helped to construct the journalistic and narrative discourse of the analyzed object. For this, the narrative of the work was identified and studied, contextualizing it with the various concepts of Literary Journalism and Book-Reporting, through a content analysis.

Keywords: Literary Journalism, Book-Report, Ruy Castro, Chega de Saudade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. GÊNERO OU ESPECIALIZAÇÃO	11
2. JORNALISMO LITERÁRIO	17
2.1. A HISTÓRIA	17
2.2. A ESTRELA DE SETE PONTAS	18
2.3. O NOVO JORNALISMO	20
3. O LIVRO-REPORTAGEM	22
3.1. O ROMANCE-REPORTAGEM NO BRASIL	26
3.2. AS CARACTERÍSTICAS DO LIVRO-REPORTAGEM	28
3.3. O AUTOR E O OBJETO	37
4. ANÁLISE DE CONTEÚDO	41
4.1. A ESTRUTURA ANALÍTICA	43
4.2. A ESTRELA DE SETE PONTAS EM <i>O GRANDE SONHO</i>	44
4.3. A ESTRELA DE SETE PONTAS EM <i>O GRANDE FERIADO</i>	48
4.4. A EXTENSÃO PELA PAUTA	51
4.5. A COMPLEMENTAÇÃO PELA CAPTAÇÃO	54
4.6. A FRUIÇÃO PELO TEXTO	56
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	62

INTRODUÇÃO

Em 1990 o escritor e jornalista Ruy Castro, depois de anos de uma exitosa carreira nos mais diversos jornais e revistas, resolve se aventurar na escrita de livros, e estreia na Literatura com o livro *Chega de Saudade- A História e as Histórias da Bossa Nova*, o primeiro de uma série de livros de caráter histórico e biográfico. Esta obra traça um mapeamento do gênero musical conhecido como Bossa Nova, surgido no Rio de Janeiro ao final da década de 1950.

A proposta desta pesquisa é realizar uma análise de conteúdo da obra citada identificando e analisando os elementos do Jornalismo Literário e do Livro-Reportagem presentes na narrativa de Ruy Castro, visando confirmar a hipótese que dá o ponto de partida a este trabalho, que visa descobrir se há elementos do Jornalismo Literário e do Livro-Reportagem presentes no objeto de estudo.

O tema Jornalismo Literário, e suas ramificações, foi o escolhido para ser o mote deste trabalho pelo fato de ter sido a área dentro do vasto universo do Jornalismo que mais despertou o interesse dos alunos produtores desta pesquisa. Quanto ao objeto, um dos motivos que levaram a sua escolha foi o fato de a obra *Chega de Saudade*, de Ruy Castro, ser, na concepção de Lima (1993), uma das mais representativas reportagem em livro já realizadas no Brasil.

O primeiro ponto do trabalho é discutir se o Jornalismo Literário é um gênero ou uma especialização dentro do universo jornalístico. Para isso o trabalho confronta os autores José Marques de Melo (2012), Frederico Tavares (2009) e Ana Carolina de Araújo Abiahy (2000) que apresentam pensamentos antagônicos em relação a classificação do Jornalismo Literário. Enquanto Marques de Melo (2012) defende o Jornalismo Literário como um gênero dentro do Jornalismo, Tavares (2009) e Abiahy (2000) o enxergam como uma especialização.

Em seguida a pesquisa se direciona para o Jornalismo Literário de fato, apresentando as suas origens, seu desenvolvimento e suas principais características, como a

Estrela de Sete Pontas, uma teoria formulada pelo comunicólogo Felipe Pena (2006) que busca apresentar, como sugere o nome, um conjunto de sete elementos que caracterizam o Jornalismo Literário, como por exemplo, a potencialização dos recursos jornalísticos e o compromisso com a perenidade.

O Jornalismo Literário deu origem ao *New Journalism*, surgido primeiramente nos Estados Unidos em meados da década de 1950, mas logo "exportado" para o resto do globo. O Novo Jornalismo, como foi denominado no Brasil, tinha como principal característica a fusão entre Jornalismo e Literatura, e de acordo com Gomes de Lima (2016), deu origem ao Romance de Não-Ficção, que teve como os mais famosos representantes escritores como Truman Capote, nos Estados Unidos, e José Louzeiro, no Brasil, entre muitos outros.

Como o objeto analisado é um Livro-Reportagem, faz-se importante no trabalho apresentar as principais características deste gênero, sua história e o seu contexto, sempre fundamentados a partir dos padrões estabelecidos por autores como Eduardo Belo (2006) e Edvaldo Pereira Lima (2004). Alguns desses padrões são as técnicas de angulação e a classificação do Livro-Reportagem.

O trabalho chega ao fim com a realização de uma análise de conteúdo, a partir da ótica de Laurence Bardin (2011), do livro *Chega de Saudade*, visando identificar, exemplificar e contextualizar as características da Estrela de Sete Pontas de Pena (2006) e do Livro-Reportagem de Lima (2004). Visando uma melhor organização do trabalho a análise de conteúdo foi dividida em quatro categorias: a Estrela de Sete Pontas, de Pena (2006), a extensão pela pauta, a complementação pela captação e a fruição pelo texto, todos conceitos de Lima (2004).

O objeto de estudo foi dividido por seu autor em duas partes. Ambas são analisadas. Primeiramente, o trabalho analisa as características da Estrela de Sete Pontas nas duas partes do livro. Já os conceitos de Lima (2004) são observados em toda extensão do livro. Para justificar a presença desses conceitos, se faz necessário destacar os trechos do objeto que contextualizem as ideias de Pena (2006) e Lima (2004).

1. GÊNERO OU ESPECIALIZAÇÃO

O Jornalismo Literário é constantemente alvo de embates entre os estudiosos de comunicação devido à dificuldade em como classificá-lo. Alguns comunicólogos o veem como um gênero jornalístico, outros como uma especialização dentro do universo periodista.

Marques de Melo (2012) classifica os gêneros jornalísticos em cinco tópicos: informativo, opinativo, interpretativo, utilitário e diversional. O Informativo é marcado pela vigilância social, através do relato dos grandes acontecimentos. O Opinativo se caracteriza pelo fórum de ideias, denúncias, críticas e libelos. O Interpretativo tem um papel educativo e esclarecedor. O Utilitário funciona como um auxílio nas tomadas de decisões cotidianas. O Diversional tem compromisso com a distração, o lazer e informações literárias.

Marques de Melo (2012) diz ainda que os gêneros jornalísticos englobam diferentes tópicos dentro do jornalismo. O gênero Informativo é formado por nota, notícia, reportagem e entrevista. O gênero opinativo se constitui de editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, caricatura, carta e crônica. Por sua vez, o gênero Interpretativo é formado por análise, perfil, enquete, cronologia e dossiê. Já o gênero Utilitário engloba indicador, cotação, roteiro e serviço. Por fim, o gênero Diversional é formado por histórias de interesse humano e narrativas coloridas.

Dependendo da cultura nacional, predomina o jornalismo *argumentativo*, como nos países latinos, onde a versão dos fatos assume até mesmo dimensão passional, enquanto nas comunidades anglo-saxãs prevalece o jornalismo *referencial*, valorizando racionalmente o relato impessoal dos acontecimentos e só secundariamente respaldando os comentários a respeito deles. (MELO, 2012, p. 22)

Ainda na concepção de Marques de Melo (2012) o século XX é um marco na consolidação de novos gêneros e formatos. Pois foi nesta era que aconteceu uma reconfiguração dos gêneros informativo e opinativo, e principalmente, foi nesta época que surgiram os chamados gêneros complementares.

Emerge com vigor, embora denotando intensidade sazonal, uma variante do jornalismo analítico-educativo, matriz do gênero *interpretativo*.

Igualmente, aparece um segmento de natureza emotiva e hedonística, nutrido pela civilização do ócio, configurando o gênero *diversional*, cuja identidade vacila entre o mundo real e a narrativa imaginária. (MELO, 2012, p. 22)

Marques de Melo (2012) propõe um roteiro visando a compreensão dos caminhos percorridos pelos gêneros jornalísticos. Segundo o autor há indícios de jornalismo referencial já no século XVII, quando o gênero informativo floresce na imprensa diária. Nessa época os periódicos valiam-se de dois padrões narrativos, *novellae e relationes novellae*. O primeiro significa a notícia propriamente dita. Já o segundo são os relatos jornalísticos.

O autor continua sua explanação relatando que no século XVIII acontece o boom do jornalismo argumentativo, estritamente relacionado ao gênero opinativo. O principal fator que contribuiu para o nascimento deste tipo de jornalismo foram os processos revolucionários da Independência dos Estados Unidos (1776) e do fim do absolutismo na França (1789).

Entre o final do século XIX e o início do XX acontece o florescimento do que Marques de Melo (2012) define como gêneros complementares. São eles o jornalismo analítico, calcado no gênero interpretativo, e o jornalismo de entretenimento, também conhecido como jornalismo literário, oriundo do gênero diversional. Há ainda o jornalismo de serviço, embalado pelo gênero utilitário.

Marques de Melo (2012) complementa dizendo que o jornalismo interpretativo não só permite o posicionamento do autor do texto, mas também, uma interpretação mais contextualizada do conteúdo por parte de quem tenha acesso a ele. É o que o autor classifica como "reportagem em profundidade", que vem a ser uma das principais características do jornalismo literário.

Por fim, o autor define o jornalismo diversional como aquele que se vale dos recursos próprios da literatura, como a utilização de flashbacks, digressões, diálogos, aprofundamento psicológico das personagens e o narrador em primeira pessoa, entre outros.

Em contrapartida a Marques de Melo (2012), que vê o jornalismo literário como

parte integradora dos gêneros jornalísticos, o autor Frederico Tavares (2009) enxerga este ramo do jornalismo como uma especialização dentro do universo periodista.

Segundo Tavares (2009), o jornalismo especializado está disseminado nos mais diversos produtos jornalísticos, permeando as reflexões sobre o campo. Entretanto sua presença se dá mais como lugar de emergência de objetos, do que como um objeto de fato.

O jornalismo especializado deve estar em harmonia com três manifestações empíricas referentes às suas especializações. Isso quer dizer que a especialização pode estar associada a meios de comunicação específicos, como TV, rádio e internet; pode estar relacionada a temas, esportivo, cultural ou literário; ou ainda pode estar associada aos produtos resultantes da junção de ambos. Por exemplo, o jornalismo cultural impresso e o jornalismo esportivo radiofônico.

Tavares (2009) diz que o jornalismo especializado está associado à evolução dos meios de comunicação e a formação de grupos sociais consumidores de mídia cada vez mais distintos.

Do ponto de vista dos conteúdos, dada a sua vocação de falar do mundo como um “todo”, buscando dar conta desse “todo”, a imprensa, como primeiro grande meio de comunicação jornalístico, sempre esteve fragmentada, falando “genericamente de coisas específicas”. Sua especialidade, pela palavra autorizada e pela fragmentação dos conteúdos, sempre existiu. No entanto, com a introdução de outros meios e, conseqüentemente de outros regimes de produção (de noticiabilidade, visibilidade e periodicidade), tal especialidade passou a bater de frente com a lógica da especialização, ou seja, de uma outra especialidade jornalística. (TAVARES, 2009, p. 117).

Ainda de acordo com o autor, a princípio o jornalismo impresso falava de forma especializada sobre o mundo apoiado em dois preceitos, o da cobertura sobre os fatos e o do texto de "informação pura". Entretanto, com o advento de novos veículos de comunicação, como o rádio e a televisão, observou-se uma crise, cujo ápice aconteceu entre o final da década de 1960 e o início da década de 1970. É nesse cenário que a especialização jornalística entra em cena definitivamente.

Ainda de acordo com o autor, a princípio o jornalismo impresso falava de forma

especializada sobre o mundo apoiado em dois preceitos, o da cobertura sobre os fatos e o do texto de "informação pura". Entretanto, com o advento de novos veículos de comunicação, como o rádio e a televisão, observou-se uma crise, cujo ápice aconteceu entre o final da década de 1960 e o início da década de 1970. É nesse cenário que a especialização jornalística entra em cena definitivamente.

Além de uma resposta à crise que se abateu sobre jornalismo impresso há 50 anos, o jornalismo especializado também indica diretamente questões de consumo, de método e de linguagem. Tavares (2009) explana ainda as teorias de outros autores, visando explicar os diversos raciocínios sobre a especialização no jornalismo. Segundo o autor, Erbolato (1981) define o jornalismo especializado como as seções, ou páginas diversas dos periódicos, colocando a revista em outro tipo de jornalismo, mais exclusivo do que propriamente especializado. O autor continua seu pensamento exemplificando a teoria de Lage (2005), que classifica as editorias como divisões, dentro do jornal.

Para que se possa entender o Jornalismo como especialização é preciso primeiramente entender o atual contexto midiático, que Abihay (2000) define como "Sociedade da Informação", devido ao grande número de informações que se tem acesso, o que exige uma modificação no perfil do profissional da área, jogando-o para a especialização jornalística.

Um fenômeno paradoxal que traz a monopolização dos meios de comunicação, porém utiliza a diversificação nos veículos de informação como meta. A lógica de diferenciar as produções informativas, por um lado atende às estratégias econômicas das empresas comunicativas, mas também democratiza a escolha do público. É então, um jogo que substitui a massificação pela personalização. (ABIAHY, 2000, p.1-2).

Ainda de acordo com a ótica da autora a especialização jornalística surge a partir da perspectiva de que é cada vez mais difícil escrever sobre um determinado assunto que interesse toda a sociedade, pois cada grupo tem seus interesses particulares, o que leva os acontecimentos, até os de grande importância, a serem rapidamente considerados obsoletos, revelando o que a autora define como um "distanciamento do indivíduo com seu tempo histórico e da desconfiança nas ideologias". (ABIAHY, 2000, p. 5).

Sendo assim é aceitável que o jornalismo procure atender as especificidades dos mais diversos públicos, o que acaba resultando em significativas transformações no perfil do jornalista e das publicações, que passam a produzir informações personalizadas, desenvolvendo cada vez o jornalismo especializado. Basta observar a quantidade de publicações especializadas que vem surgindo nos últimos anos, sobretudo revistas e suplementos embutidos em jornais.

Com isso, pode-se entender que,

O desenvolvimento do jornalismo especializado está relacionado a essa lógica econômica que busca a segmentação do mercado como uma estratégia de atingir os grupos que se encontram tão dissociados entre si. Muito além de ser uma ferramenta mais eficaz de lucro para os conglomerados midiáticos, o jornalismo especializado é uma resposta a essa demanda por informações direcionadas que caracteriza a formação das audiências específicas. (ABIAHY, 2000, p. 5)

O jornalismo especializado representa uma mudança dos paradigmas informacionais, pois enquanto as diferenças e divergências foram esfacelando o sentido de coletividade, os indivíduos foram se isolando em seus interesses particulares, dividindo-se nos mais diversos nichos.

Para Abiahy (2000), um dos maiores méritos do jornalismo especializado é oferecer conteúdo a determinados grupos que buscam uma linguagem e temática inerentes ao seu interesse e contexto. Sendo assim, o jornalismo especializado passa a cumprir a função de agregar indivíduos de acordo com suas particularidades, ao invés de tentar nivelar a sociedade em torno de um padrão médio de interesses que jamais atenderia à especificidade de cada grupo.

O papel do jornalista também é de vital importância para a especialização jornalística, afinal, com a solidificação do jornalismo especializado percebe-se que a imagem do jornalista associado a conhecimentos gerais básico já não é a única realidade da profissão.

A própria rotina do jornalismo especializado para redesenhar o atual momento em que se encontra a profissão, pois a fase do chamado "jornalismo artesanal" está

ultrapassada. De acordo com Abiahy (2000), esta fase artesanal é o período anterior ao chamado jornalismo empresarial, ou seja, a fase em que não havia a necessidade do profissional da imprensa ter uma formação acadêmica, formal. Assim, os jornalistas são divididos de acordo com diferentes atribuições, assumindo uma condição orgânica, ou de sistema, como detalha Rodrigues (1997, p.180, apud ABIAHY, 2000, p. 7):

Com a maturidade alcançada por estas profissões, a fase artesanal dá lugar à especialização e à cooperação entre especialistas. A própria complexidade técnica que se observa nos media torna inevitável esta especialização e esta cooperação. Cada uma das formações compreende assim outros aspectos gerais, específicos e profissionais próprios ao setor.

Depois de explicar um pouco sobre a polêmica que envolve a classificação do Jornalismo Especializado o trabalho se propõe a analisar as características do Jornalismo Literário, um dos pilares desta pesquisa, no capítulo seguinte.

2. JORNALISMO LITERÁRIO

2.1. A HISTÓRIA

De acordo com Marcondes Filho (apud PENA, 2006) a convergência entre Jornalismo e Literatura começa a acontecer na Europa, em meados do século XVIII, quando os mais conceituados escritores do período começaram a produzir textos para os jornais e acabaram fisgados pela força do novo espaço público. Esses textos, em sua maioria, mesclavam literatura e política. Entretanto, Pena (2006) ratifica que o esplendor do Jornalismo Literário veio acontecer somente um século mais tarde, com a produção de folhetins.

O termo *feuilleton* não se referia inicialmente aos romances publicados em periódicos. Quando apareceu pela primeira vez, no *Journal des Débats*, denominava um tipo de suplemento dedicado à crítica literária e a assuntos diversos. Mas a partir das décadas de 1830 e 1840, a eclosão de um Jornalismo popular [...] mudou o conceito, incorporando-o à nova lógica capitalista. (PENA, 2006, p. 28-29)

Com isso, Pena (2006) quer dizer que a publicação de narrativas literárias em periódicos era um excelente negócio, pois proporcionava o aumento nas vendas, a diminuição de preços e, conseqüentemente, aumentava o número de leitores e assim por diante. Quanto aos escritores, eles também ficavam satisfeitos com essa ótica, pois eram pagos em dia e ainda ganhavam visibilidade perante o público.

Ainda de acordo com Pena (2006), entre as várias características do folhetim pode-se destacar a sua linguagem simples e acessível, utilização de recursos de homogeneização cultural, como estereótipos, clichês e estratégias correlatas, além de amores impossíveis e odisséias aventureiras. Outra característica marcante é o *plot*, aquele ponto da narrativa em que a história sofre uma reviravolta, quando a ação é interrompida no clímax, como quando ocorre a revelação do assassino ou um flagrante de adultério.

Como as histórias eram publicadas em fascículos, no final de cada capítulo existia sempre um acontecimento dramático, que só seria resolvido na edição seguinte do jornal, garantindo assim a próxima compra do leitor. E, se por algum motivo, ele não pudesse acompanhar a série por um determinado tempo, também não havia problema. Os

escritores usavam o recurso da repetição, sempre lembrando ao público fatos acontecidos muitos capítulos atrás. Era a chamada estética da redundância. (PENA, 2006, p. 29-30)

Ainda de acordo com o autor, grandes escritores da época passaram a se dedicar aos folhetins, garantindo assim o seu ingresso na Literatura universal. Na França o maior nome do folhetim foi Honoré de Balzac; na Inglaterra, Charles Dickens; em Portugal, Camilo Castelo Branco; e na Rússia, Fiódor Dostoievski.

Após eclodir na Europa, o Jornalismo Literário atravessou o oceano Atlântico e desembarcou no Novo Mundo. Segundo Ballerini (2015) o primeiro registro de Jornalismo Literário no Brasil aconteceu em 1836 com a publicação de *Nitheory- Revista Brasiliense*, um periódico impresso em Paris e distribuído por aqui com o intuito de divulgar a cultura brasileira.

Por aqui o folhetim também foi a porta de entrada para o Jornalismo Literário. Pena (2006) diz que a princípio era conhecido como "crônica folhetinesca", justamente por ser um texto de ficção publicado em espaço jornalístico. No Brasil o seu maior representante foi Machado de Assis, através de seus folhetins que criticavam a sociedade brasileira e que normalmente eram publicados em jornais como a *Gazeta de Notícias* e o *Correio Mercantil*.

Além do Bruxo do Cosme Velho, outros grandes escritores brasileiros que também se dedicavam a produção de folhetins foram José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Raul Pompéia, Aloísio de Azevedo e Visconde de Taunay. Pena (2006) cita ainda a obra *Memórias de Um Sargento de Milícias*, publicada em 1852 no *Correio Mercantil* e escrita por Manuel Antônio de Almeida como o marco inicial do folhetim no Brasil.

2.2. A ESTRELA DE SETE PONTAS

Felipe Pena (2006) diz que Jornalismo Literário significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões

amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*, evitar definidores primários e garantir perenidade e profundidade aos relatos.

Essas características citadas por Pena formam a Estrela de Sete Pontas, um grupo de características que definem o Jornalismo Literário. A primeira ponta da estrela, potencializar os recursos do jornalismo, frisa que o Jornalismo Literário não pretende desprezar o que aprendeu no Jornalismo Diário, apenas aprimorar os princípios da redação e aplicá-los na forma de apuração rigorosa, observação atenta e ética na abordagem dos fatos.

A segunda ponta da estrela diz que se devem ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, ou seja, o jornalista deve romper com dois princípios do Jornalismo Tradicional, a periodicidade e a atualidade. A terceira ponta destaca o dever de proporcionar visões amplas da realidade. O conceito da terceira ponta é:

A preocupação do Jornalismo Literário, então, é contextualizar a informação da forma mais abrangente possível- o que seria muito mais difícil no exíguo espaço de um jornal. Para isso, é preciso mastigar as informações, relacioná-las com outros fatos, compará-las com diferentes abordagens e, novamente, localizá-las em um espaço temporal de longa duração. (PENA, 2006, p. 14)

A quarta ponta atenta para a necessidade de exercer a cidadania. Através de seus textos o Jornalismo Literário deve tomar o cuidado para contribuir para a formação do cidadão, para o bem da sociedade e para a solidariedade. O quinto item desta teoria, romper as correntes burocráticas do *lead*, implica dizer que os jornalistas do gênero literário podem e devem ignorar a regra do *lead*, considerada por muitos profissionais da comunicação como uma camisa de força, o que gera textos mais criativos e elegantes.

O sexto item evita os definidores primários. O que significa que os jornalistas devem evitar as fontes oficiais, ou seja, governadores, professores, advogados, entre outros. Por conta da velocidade do Jornalismo Diário, os repórteres optam por buscar personagens que já estão legitimados. Entretanto o cuidado do Novo Jornalismo possibilita que seja ouvido o cidadão comum, a fonte anônima, os pontos de vista que nunca foram abordados e que provavelmente no Jornalismo Tradicional não teriam espaço.

A sétima e última ponta da estrela garante a perenidade dos fatos. Geralmente no Jornalismo Diário o fato narrado cai no esquecimento já no dia seguinte. No Jornalismo Literário esse fato deve ficar eternizado e passado de uma geração a outra, por isso uma obra feita sobre os preceitos do Jornalismo Literário não deve ser efêmera ou superficial.

2.3. O NOVO JORNALISMO

Em meados do século XX surge uma nova vertente do Jornalismo Literário, o chamado Novo Jornalismo, que encontrou na figura do escritor e jornalista estadunidense Tom Wolfe o seu precursor e uma de suas maiores vitrines.

Na verdade o termo Novo Jornalismo remonta a muito antes do nascimento de Wolfe. De acordo com Pena (2006) a expressão *New Journalism* foi empregada pela primeira vez em 1887 de maneira pejorativa, visando criticar o trabalho do jornalista britânico William Thomas Stead, editor do jornal *Pall Mall Gazette*, que se valia de métodos pouco ortodoxos para construir suas reportagens, como por exemplo, quando "comprou" uma menina de 13 anos para maquinar uma denúncia de prostituição infantil. Sendo assim, nesse contexto a designação de novo jornalista fazia referência ao profissional desmiolado, cabeça oca, de ética questionável e profissionalismo duvidoso. Um conceito bastante diferente do atual.

De acordo com Tom Wolfe em seu livro *The New Journalism* (1975) o Jornalismo Literário, tal como conhecemos hoje, surgiu nos Estados Unidos na primeira metade da década de 1960, através de suas próprias mãos e mente. Em fins de 1963 e início de 1964, Wolfe, então um jornalista da revista *Esquire*, redigiu uma matéria sobre a customização de carros na Califórnia. Ao invés de apresentar uma matéria calcada nos elementos do Jornalismo Diário, Wolfe a escreveu do jeito que bem quis, dizendo tudo o que queria sobre o assunto. A matéria foi publicada, e imediatamente levantou discussões sobre até que ponto a Literatura poderia se fundir ao Jornalismo.

O que vai proporcionar o advento do Novo Jornalismo contemporâneo na década de 1960, nos Estados Unidos, é a insatisfação de muitos profissionais da imprensa com as regras de

objetividade do texto jornalístico, expressas na figura do *lead*, uma prisão narrativa que recomenda começar a matéria respondendo às perguntas básicas do leitor. (PENA, 2006, p. 53)

Essa conceituação de Pena (2006) vai de encontro à ideia de Tom Wolfe (1975), que conceitua o Novo Jornalismo categorizando-o em quatro etapas. Reconstruir a história cena a cena, registrar diálogos completos, apresentar as cenas pelos pontos de vista de diferentes personagens e registrar hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas do personagem. Além de Tom Wolfe outros expoentes do Jornalismo Literário na imprensa estadunidense foram Truman Capote, Gay Talese e Norman Mailer.

No Brasil o Novo Jornalismo surgiu em 1966, com a publicação da revista *Realidade*, publicada pela Editora Abril, durante exatos 10 anos. Em plena ditadura militar a revista esmiuçava temas polêmicos, através de textos criativos, na primeira pessoa e impregnadas com a emoção pessoal de quem as escreviam. O jornalista tinha que viver ‘*in loco*’, os temas de suas reportagens para imprimir uma emoção real e pessoal ao seu texto.

Ao longo dos anos surgiram outras publicações de Jornalismo Literário no Brasil, como o *Jornal da Tarde* e a revista *O Pasquim*, lançada em 1969, e sobre tudo a vertente do Novo Jornalismo que mais faz sucesso no país, o Livro-Reportagem, que será mais amplamente trabalho no próximo capítulo.

3. O LIVRO-REPORTAGEM

Estudiosos do Jornalismo, como Eduardo Belo (2006) e Edvaldo Pereira Lima (1993), defendem o Livro-Reportagem como o viés mais popular do Jornalismo Literário. Tanto no Brasil como no resto do planeta.

Lima (1993) define o Livro-Reportagem como um:

Veículo de comunicação jornalística não periódica, o livro-reportagem é um produto cultural contemporâneo bastante peculiar. De um lado, amplia o trabalho da imprensa cotidiana, como que concedendo uma espécie de sobrevida aos temas tratados pelos jornais, [...]. De outro, penetra em campos desprezados ou superficialmente tratados pelos veículos jornalísticos periódicos, recuperando para o leitor a gratificante aventura da viagem pelo conhecimento da contemporaneidade. (LIMA, 1993, p. 7)

Isto significa dizer que a reportagem em livro é um produto jornalístico mais complexo do que a reportagem convencional, pois busca destacar determinados assuntos, que normalmente, não teriam espaço no Jornalismo Tradicional, avançando as fronteiras do Jornalismo para muito além dos limites que ele próprio se impõe. Lima (1993) complementa dizendo que o Livro-Reportagem é um "veículo que renova e dinamiza, principalmente quando trabalha, com todo o seu arsenal de possibilidades, a grande reportagem." (LIMA, 1993, p. 8)

De acordo com Belo (2006), seria impossível determinar uma data de nascimento para o Livro-Reportagem, mas garante que muito antes de o seu conceito ser empregado nos âmbitos acadêmicos e jornalísticos inúmeras narrativas de não-ficção já haviam sido produzidas. Entretanto, o autor destaca que pode precisar uma data aproximada, que vem a ser o século XIX, a mesma época em que ocorre uma convergência mais efetiva entre Jornalismo e Literatura.

Belo (2006) frisa ainda que o divisor de águas na produção do Livro-Reportagem foi a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), quando periódicos de todo o mundo enviaram para os campos de batalha na Europa correspondentes, visando colher em primeira-mão as histórias de combates. Entre os brasileiros que se destacaram nesta missão estavam Rubem Braga e Joel Silveira. Enquanto o primeiro estava representando o *Diário Carioca*, o

segundo estava a serviço dos Diários Associados, gigante midiático em meados do século XX. Suas experiências na guerra deram origem a dois livros, *Com a FEB na Itália*, de Rubem Braga e *O Inverno na Guerra*, de Joel Silveira.

Entretanto é importante observar que antes desse *boom* do Livro-Reportagem houve momentos na História em que se verificou a presença de reportagens em livros. Belo (2006) afirma que, no Brasil, o Livro-Reportagem teve o seu embrião em *Os Sertões* (1902), icônica obra de Euclides da Cunha que narra o cotidiano da Guerra de Canudos (1896-1897), no interior da Bahia. O livro nasceu durante o período em que o escritor e jornalista passou no sertão baiano acompanhando o conflito como correspondente do jornal *O Estado de S. Paulo*.

Sem ter consciência, Euclides da Cunha adotou na narrativa do seu livro uma linguagem própria do Jornalismo Literário, que só surgiria, de maneira efetiva, meio século mais tarde, como: a descrição detalhada de cenas; linguagem criativa e livre das regras jornalísticas; análise profunda dos fatos e a figura do repórter participativo, ou seja, o jornalista que vivencia em campo o tema de sua reportagem.

Além da imortal obra de Euclides da Cunha outra grande reportagem ocupa o status de precursora do Livro-Reportagem, mas desta vez nível internacional. Belo (2006) cita que a obra *Hiroshima*, do jornalista norte-americano John Hersey, foi uma prévia do que seria o gênero Livro-Reportagem. Em 1946 Hersey escreveu um artigo para o jornal *The New Yorker*, sobre um grupo de pessoas que sobreviveram ao ataque atômico na cidade de Hiroshima, no Japão. O artigo ocupou todo o espaço gráfico do jornal, substituindo todas as seções do periódico, e fez tanto sucesso que meses depois foi reeditado em formato de livro.

Ainda de acordo com Belo (2006), outro ponto de destaque na produção da reportagem em livro foi a obra *A Sangue Frio* (1965), de Truman Capote¹, uma grande

¹ Truman Capote (1924-1984) foi um escritor, roteirista e dramaturgo norte-americano, tendo sido um dos principais nomes do Jornalismo Literário e pioneiro do chamado Romance de Não-Ficção, onde estreou com *A Sangue Frio*. Produziu também contos, novelas, ensaios e roteiros para cinema e teatro. Um de seus maiores sucessos é o livro *Bonequinha de Luxo*, que gerou um conhecido filme homônimo em 1961, estrelado por Audrey Hepburn.

reportagem que tinha por pretensão esmiuçar o antes, o durante e o depois do massacre de uma família no interior do Kansas, nos Estados Unidos, em 1959.

O livro em questão é considerado um dos expoentes do Novo Jornalismo e o detonador da chamada reportagem em livro, apesar de até hoje gerar controvérsias. Os críticos alegam que apesar da obra ser baseada em pessoas e situações reais e de Capote ter utilizado técnicas jornalísticas, como entrevista e apuração, algumas passagens do livro são claramente ficcionais, o que levou o seu autor a auto classificar a sua obra como um "Romance de Não-Ficção".

De acordo com Belo (2006), ao auto categorizar a sua obra, Capote, embora sem intenção, acabou estabelecendo uma importante distinção. Pois chegou-se a conclusão que nem toda não ficção é jornalismo, mas todo o jornalismo deve ser não ficcional.

O livro de Capote, apesar de brilhante, não era 100% verdadeiro. O problema não estava nos ingredientes importados da literatura, mas em bom número de imprecisões. Capote foi acusado de, entre outras coisas, distorcer e inventar diálogos, induzir declarações e até de ter mantido um relacionamento afetivo com um dos personagens da história. Para uma análise mais detida, convém lembrar que Capote, antes de enveredar pelo jornalismo, era um escritor talentoso e conhecido. Seu currículo de romancista ostentava obras de relativo sucesso, como *Bonequinha de Luxo*. (BELO, 2006, P. 43).

Ainda de acordo com o autor, *A Sangue Frio*, apesar de ser narrado em tom de romance, tem um caráter estritamente jornalístico. Desde o princípio o livro foi elaborado como uma reportagem, inclusive sendo lançado primeiramente em uma revista, *The New Yorker*. O processo de criação do livro foi o mesmo de uma reportagem com a elaboração de uma pauta, apuração dos fatos e entrega do material para edição. É importante ainda frisar que a obra faz uma minuciosa reconstituição dos acontecimentos, como se eles passassem diante dos olhos do leitor.

Assim, o Romance de Não-Ficção de Capote marcou o seu lugar na História do Jornalismo, sobretudo por ter introduzido com intensidade elementos da literatura à reportagem. Segundo Santos (2016) na narrativa do romance não ficcional, tal como na Literatura, há uma preocupação maior com o perfil psicológico dos personagens, por

exemplo, revelando a história de cada personagem, a sua trajetória de vida, como se fosse um perfil jornalístico.

O autor diz ainda que por estar dentro do Novo Jornalismo, o Romance de Não-Ficção apresenta algumas características próprias deste estilo, utilizando as mais diversas técnicas literárias para a construção de histórias e matérias. Outra característica deste tipo de romance é o fato de o mote central de suas tramas serem baseados em fatos reais. Entretanto, ao passar a história para o papel o seu autor automaticamente a transforma numa ficção.

Isso se deve ao fato de o escritor do Romance de Não-Ficção criar personagens, artimanhas, enredos e narradores, tal como ocorre numa obra de ficção propriamente dita. De acordo com Santos (2016) o Romance de Não-Ficção rompe com o jornalismo tradicional ao aproximar o factual e a ficção.

Para Pena (2006), o Livro-Reportagem e o Romance de Não-Ficção são gêneros distintos, apesar de terem como ponto de partida uma notícia real, factual. Segundo o autor:

Quem faz romance-reportagem busca a representação direta do real por meio da contextualização e interpretação de determinados acontecimentos. Não há preocupação apenas em informar, mas também em explicar, orientar e opinar, sempre com base na realidade. Pode até ser que a narrativa se aproxime da ficção, mas isso nunca é feito deliberadamente, ao contrário da ficção jornalística, que tem na inventividade um componente essencial de suas estratégias. (PENA, 2006, p. 103)

Quanto a Ficção Jornalística, Pena (2006) diz que ela não tem compromisso com a realidade, apenas a explora como suporte para a sua narrativa, distanciando-se do Romance-Reportagem, que trabalha com a reconstrução fiel dos acontecimentos. O escritor de Ficção Jornalística inventa deliberadamente, enquanto o escritor do Romance-Reportagem se mantém fiel aos princípios do Jornalismo, ou seja, relatar somente a verdade factual.

Na ficção jornalística, os autores conhecem os limites da reportagem,

porém, na maioria das vezes, já trabalharam na imprensa e exercem o pacto de "referencialidade" com o leitor, ou seja, tinham o compromisso de se ater apenas aos fatos, de forma concisa e objetiva. O que os levou a escrever ficção foi exatamente a vontade de romper esse compromisso, sem, entretanto, deixar de usar os instrumentos do Jornalismo. (PENA, 2006, p. 115)

3.1. O ROMANCE-REPORTAGEM NO BRASIL

De acordo com Castro e Galeno (2005), o fator decisivo para o surgimento do Romance-Reportagem no Brasil foi o Regime Militar no qual o país estava mergulhado. Através da sua Censura Federal o governo ditatorial reprimia toda e qualquer tipo de liberdade na imprensa, forçando jornalistas e outros agentes culturais a buscarem em outros lugares o espaço que lhes era negado nos jornais.

É nesse contexto que a literatura, pouco vigiada por suas baixas tiragens e consumo aparentemente circunscrito à elite, assume o papel de resistir politicamente às arbitrariedades, denunciando e revelando as verdades omitidas no silêncio imposto, a história mascarada pela versão oficial. Tal papel era efetivado pelos escritores e exigido pelo público, carente de informações não divulgadas por outros canais. É por essa razão que a literatura da década de 1970 encontra-se presa a esse desejo de veracidade, a um compromisso com a atualidade e com referencialidade, elementos próprios do jornalismo que terminaria assumindo vicariamente. O mesmo argumento serve para explicar por que as narrativas do período podem ser denominadas [...] de romances-reportagens e esse tipo de narrativa [...] obteve um considerável apreço público. (CASTRO e GALENO, 2005, p. 61-62)

Os autores complementam dizendo que, graças a estas circunstâncias, o Romance-Reportagem é considerado como uma produção cultural específica de sua época, pois teria sido uma espécie de resultado ou subproduto da Censura Federal e da repressão da ditadura militar no campo jornalístico.

Também é importante frisar que a ação da censura não foi o único fator que contribuiu para que os jornalistas passassem a se dedicar ao Romance-Reportagem. Castro e Galeno (2005) dizem que esses jornalistas encontraram no Romance-Reportagem um espaço que não existia mais na imprensa. Não só por causa da repressão do governo, mas também por causa das transformações estruturais que a imprensa brasileira passava na

época e que levariam a implantação de um novo padrão jornalístico no Brasil. Um padrão mais interligado com o modelo da indústria cultural, que determinava uma série de técnicas de coleta, seleção e divulgação da notícia, o que gerava um atrito com a ideia de ligar Jornalismo e Literatura.

Castro e Galeno (2005) afirmam ainda que quando surgiu no Brasil, na década de 1970 e influenciado pelo *New Journalism* praticado em publicações como a revista *Realidade* e o *Jornal da Tarde*, o termo Romance-Reportagem servia como título dado a uma coleção da editora Civilização Brasileira, pelo seu editor, Ênio Silveira. A proposta da coleção era recobrir apenas um conjunto de obras baseadas em episódios reais vasados em uma narrativa que adotava contornos ficcionais.

Ainda segundo a dupla de autores, graças ao sucesso das obras dessa coleção o conceito de Romance-Reportagem se populariza rapidamente e passa a ser a denominação tanto de um tipo particular de narrativa que mistura literatura e jornalismo, quanto uma das maiores tendências que dominaram a ficção brasileira nos anos 1970.

Um dos expoentes do Romance-Reportagem no Brasil foi José Louzeiro², escritor, jornalista e roteirista de origem maranhense. Nascido em São Luís do Maranhão em 19 de setembro de 1932, começou a carreira jornalística aos 16 anos no jornal *O Imparcial*, em sua cidade de origem. Em 1954 transfere-se para o Rio de Janeiro, então a capital da República, onde trabalhou em diversos veículos da imprensa, como em *O Jornal*, *Revista da Semana*, *Diário Carioca*, *Última Hora*, *Manchete* e *Correio da Manhã*.

Louzeiro trabalhou durante 20 anos como repórter policial, o que lhe deu embasamento para a criação dos seus Romances-Reportagens. Sua estréia neste gênero acontece em 1975, com a publicação de *Lúcio Flávio- Passageiro da Agonia*, pela editora Civilização Brasileira. Este livro é considerado pelos autores Castro e Galeno (2005) como o detonador do Romance-Reportagem no Brasil, pois em apenas quatro meses vendeu cerca

² José Louzeiro (1932-2017) foi um escritor, jornalista e dramaturgo brasileiro, pioneiro na produção nacional do Romance de Não-Ficção. Sua estréia na Literatura aconteceu em 1958 com a obra *Depois da Luta*, um livro de contos. Além de seus romances-reportagens, Louzeiro escreveu também as biografias de algumas personalidades brasileiras, como a cantora Elza Soares, o abolicionista André Rebouças e Gregório Fortunato, o controverso chefe da segurança pessoal do presidente Getúlio Vargas.

de dez mil exemplares.

O sucesso não se limitou ao seu livro de estréia e Louzeiro escreveu outras diversas obras antológicas, como *Infância dos Mortos*, *Araceli- Meu Amor*, *Em Carne Viva*, *A Gang do Beijo* e *Praça das Dores*. Dois destes livros deram origem a filmes icônicos do cinema brasileiro, roteirizados pelo próprio Louzeiro: *Lúcio Flávio- Passageiro da Agonia* (1976), baseado no livro homônimo e *Pixote- A Lei do Mais Fraco* (1981), baseado em *Infância dos Mortos*. Ambos os filmes foram dirigidos por Hector Babenco.

Ainda no cinema Louzeiro assinou o roteiro de diversos outros filmes que marcaram a sétima arte nacional, como *Os Amores da Pantera* (1977), *O Caso Cláudia* (1979), *Amor Bandido* (1979) e *O Homem da Capa Preta* (1986). Todos os filmes do gênero policial. Louzeiro ainda se aventurou pelo gênero telenovela, escrevendo as tramas de *Corpo Santo* (1987) e *Guerra Sem Fim* (1993), ambas na extinta Rede Manchete, de propriedade de Adolpho Bloch. Curiosamente essas novelas foram apelidadas pela imprensa de "novela-reportagem", pois eram baseadas na crônica policial carioca da época. José Louzeiro faleceu em 29 de dezembro de 2017.

3.2. AS CARACTERÍSTICAS DO LIVRO-REPORTAGEM

Lima (2004) defende que a reportagem em livro pode ser classificada em treze tipos diferentes: perfil, depoimento, retrato, ciência, ambiente, história, nova consciência, instantâneo, atualidade, denúncia, ensaio e viagem.

O Livro-Reportagem-Perfil "trata-se de uma obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se interessante." (LIMA, 2004, p. 51-52). O autor ainda defende que o Livro-Reportagem-Perfil pode gerar o chamado Livro-Reportagem-Biografia, que ocorre quando o escritor ou jornalista centra a sua narrativa em torno da vida, do passado e da carreira da personalidade que esteja em foco. Um exemplo desse tipo de Livro-Reportagem pode ser a obra *Dercy de Cabo a Rabo*, uma biografia da atriz e comediantes Dercy Gonçalves, escrita por Maria Adelaide Amaral e publicada pela Editora Globo em 1994.

O Livro-Reportagem-Depoimento concentra-se em reconstruir um acontecimento importante de acordo com a visão de um participante ou de uma testemunha da história que pretende ser contada. Este tipo de reportagem em livro pode ser construída pelo próprio envolvido no fato, em parceria com um jornalista, ou por um profissional que compila o depoimento e elabora o livro. Como exemplo, pode-se citar o livro *O Fogo Sagrado* (1975), que de acordo com Lima (2004) foi escrito pelo próprio protagonista.

Lima (2004) define que o Livro-Reportagem-Retrato:

Exerce papel parecido, em princípio, ao do livro-reportagem-perfil. Mas, ao contrário deste, não focaliza uma figura humana, mas sim uma região geográfica, um setor da sociedade, um segmento da atividade econômica, procurando traçar o retrato do objeto em questão. [...] É marcado, na maioria das vezes, pelo interesse em prestar um serviço educativo, explicativo. (LIMA, 2004, p. 53)

O autor exemplifica o Livro-Reportagem-Retrato através da obra *Airport International*, de Brian Moynahan, que narra o cotidiano do Aeroporto Heathrow, em Londres, Reino Unido, visando mostrar os bastidores de um grande aeroporto internacional.

Quanto ao Livro-Reportagem-Ciência, Lima (2004) diz que esse tipo de obra tem por objetivo a divulgação científica. Na maioria dos casos a narrativa gira em torno de um tema específico e pode apresentar um caráter crítico ou reflexivo. Um exemplo é o livro *Antártida*, de Luiz Oscar Matzenbacher, lançado em 1986 pela editora L&PM, que narra o cotidiano de uma expedição científica ao continente gelado.

Outro tipo de reportagem em livro é o Livro-Reportagem-Ambiente. Segundo Lima (2004), este tipo de narrativa centra-se nos interesses ambientalistas e ecológicos, podendo apresentar uma postura combativa, crítica ou tratar de temas que contribuam para a harmonização das relações entre o ser humano e a natureza. Exemplo: o livro *Os Andes* (1975), de Tony Morrison, que tem como tema central as cordilheiras da América do Sul e narra a sua realidade geográfica através de seus ecossistemas, focalizando os aspectos geológicos, da fauna, da flora e do clima.

O Livro-Reportagem-História é classificado por Lima (2004) como uma obra que:

Focaliza um tema do passado recente ou algo mais distante no tempo. O tema, porém, tem em geral algum elemento que o conecta com o presente, dessa forma possibilitando um elo comum com o leitor atual. Esse elemento pode surgir de uma atualização artificial de um fato passado ou por motivos os mais variados.[...] Uma variante dessa modalidade é o livro-reportagem que trata da história empresarial, focalizando o mundo dos negócios, um grande grupo ou uma atividade produtiva. (LIMA, 2004, p. 54)

Um exemplo de Livro-Reportagem-História é a obra *Chega de Saudade- As Histórias e as Histórias da Bossa Nova*, que vem a ser o objeto de estudo do presente trabalho. O livro, escrito por Ruy Castro e lançado em 1990, se propõe a narrar toda a história do movimento musical conhecido como Bossa Nova.

Já o Livro-Reportagem-Nova Consciência é, na concepção de Lima (2004), uma narrativa comprometida com os temas das novas correntes comportamentais, sociais, culturais, econômicas e religiosas que surgem em várias partes do mundo. Um exemplo é o livro *Murieron para vivir: el resurgimiento del Islam y el Sufismo en España*, de Francisco López Barrios e Miguel José Haguerty.

O Livro-Reportagem-Instantâneo, também conhecido como Livro-Reportagem da História Imediata, tem esse nome por concentrar o seu enredo em um fato recém-concluído, cujos contornos finais já podem ser identificados. Como exemplo pode-se citar *A Sangue Quente: A Morte do Jornalista Vladimir Herzog*, de Haroldo Almeida Filho. Lançado em 1978 o livro começou a ser produzido logo após o assassinato do jornalista Vladimir Herzog, vítima do Regime Militar, ocorrida três anos antes.

O Livro-Reportagem-Atualidade tem uma premissa parecida com o tipo de livro citado no parágrafo anterior. Como sugere o nome aborda um tema atual, entretanto, de acordo com Lima (2004), este seleciona os temas atuais dotados de maior perenidade no tempo, mas cujos desdobramentos finais ainda não são conhecidos, permitindo ao leitor resgatar as origens do que ocorre, seu contorno no momento atual e as possíveis tendências do seu desfecho no futuro. Como exemplo: a obra *Struggle for Take Off*, do britânico Duncan Campbell-Smith, que narra o processo de privatização da empresa britânica British Airways, enquanto o processo ainda estava em andamento, entre o final dos anos 1970 e o

início da década de 1980.

De acordo com Lima (2004), O Livro-Reportagem-Antologia tem a função de reunir reportagens agrupadas sob os mais diversos critérios, previamente publicadas na imprensa ou até mesmo em outros livros. Essas reportagens podem ser sobre os mais diferentes temas, ou podem ser um único tema, mas feito por diversos jornalistas. Um exemplo é a antologia *O Circo do Desespero*, de Audálio Dantas, que reúne algumas de suas reportagens publicadas entre 1957 e 1972 pelo jornal *Folha da Tarde* e pelas revistas *O Cruzeiro e Realidade*.

O Livro-Reportagem-Denúncia tem um caráter investigativo. Lima (2004) defende que este tipo de livro apela para o clamor contra as injustiças, contra os desmandos dos governos e os abusos das entidades privadas. Sempre tendo como foco casos marcados por escândalos. É o caso do livro *La Verdad Irrebatible Sobre el Crimen de Barbados*, de Júlio Lara Alonso. Esta obra é um protesto contra o que seu autor considera como um caso de atentado contra cidadãos e bens públicos cubanos no exterior, na segunda metade da década de 1970.

Em relação ao Livro-Reportagem-Ensaio, Lima (2004) diz que:

Tem como forma a postura do ensaio, o que vale dizer, a presença muito evidenciada do autor e de suas opiniões sobre o tema, conduzida de forma a convencer o leitor a compartilhar do ponto de vista do autor. Quanto ao tratamento do texto, emprega, sobretudo, a função expressiva da linguagem [...] O uso do foco narrativo na primeira pessoa é frequente no decorrer do livro. (LIMA, 2004, p. 58)

Como exemplo desta categoria Lima (2004) cita a obra *O Despertar dos Mágicos: Introdução ao Realismo Fantástico*, escrito pela dupla Louis Pauwels e Jacques Bergier.

Por fim, o último tipo de reportagem em livro é o Livro-Reportagem-Viagem. Segundo Lima (2004) esta narrativa tem como fio condutor uma viagem a uma região geográfica específica, servindo de pretexto para retratar através de quadros sociológicos, históricos e humanos, vários aspectos das realidades possíveis do local. O autor frisa ainda que o Livro-Reportagem-Viagem não é um relato meramente turístico, pois tem

preocupação com a pesquisa, com a coleta de dados e com o exame de conflitos. Um exemplo desta categoria é *The Old Patagonian Express*, de Paul Theroux, pois narra uma viagem de trem desde Boston, nos Estados Unidos, até a última estação existente no extremo sul do continente americano, na Patagônia argentina. No livro, o seu autor observa não apenas os pontos pitorescos e folclóricos, mas também tópicos relacionados à política, economia e cultura.

Outra característica do Livro-Reportagem são os seus procedimentos de extensão, pois como bem diz Lima (2004) com a extensão pela pauta a reportagem em livro "estende a função informativa e orientativa do jornalismo impresso cotidiano uma vez que cobre vazios deixados pela imprensa, e amplia, para o leitor, a compreensão da realidade." (LIMA, 2004, p. 61)

Sendo assim, o Livro-Reportagem possibilita a extensão pela pauta através das liberdades temáticas, de angulação, de fontes, temporal, do eixo de abordagem e de propósito.

De acordo com Lima (2004), a liberdade temática possibilita maior diversidade na narrativa do Livro-Reportagem, pois em uma reportagem convencional excluem-se do seu texto diversos pontos. O autor cita como exemplo o livro *Japanese Inn*, de Oliver Statler, que conta a história de um hotel no Japão. Durante a narrativa o enredo mistura passado e presente e vai contextualizando as transformações artísticas, políticas, econômicas, comportamentais e sociais vivenciadas pela comunidade japonesa, desde o seu período feudal até 1957. Em uma reportagem veiculada no Jornalismo Tradicional essa abrangência de temas seria acusada de falta de foco.

Por sua vez, a liberdade de angulação é vista como uma maneira do autor se desvincular dos limites impostos pelas grandes empresas jornalísticas, pois:

[...] Seu único compromisso é com sua própria cosmo visão e com o esforço de estabelecer uma ligação estimuladora com seu leitor, valendo-se, para isso, dos recursos que achar mais convenientes, escapando das fórmulas institucionalizadas nas redações. (LIMA, 2004, p. 83)

Quanto à liberdade de fontes, Lima (2004) explica que como o Livro-Reportagem

não está refém do deadline e nem do ritmo frenético de produção das redações o seu escritor pode libertar-se do estreito círculo de fontes legitimadas e ouvir as mais diversas e variadas fontes, que normalmente não teriam vez em uma reportagem convencional.

A liberdade temporal caracteriza-se por não deixar o Livro-Reportagem preso ao factual, podendo resgatar memórias passadas que ainda reverberam no presente. Como exemplo, podemos citar a obra *1968- O Ano Que Não Terminou*, de Zuenir Ventura, uma reportagem em forma de livro que narra os acontecimentos políticos e sociais daquele ano. Seus fatos ainda repercutem em 2017 e seus personagens são figuras atuantes no Brasil de agora.

A liberdade do eixo de abordagem permite que a reportagem em livro penetre em situações ou em questões mais duradouras, possibilitando um mergulho mais profundo nas situações e questões, o que leva a reportagem a encontrar o âmago dos conflitos.

Lima (2004) finaliza sua abordagem sobre a extensão da pauta explicando sobre a liberdade de propósito. Segundo o autor os outros tipos de liberdade, usadas em conjunto, permitem ao livro ter um alvo mais elevado do que a informação anestesiada, que a reportagem comum normalmente emprega.

O Livro-Reportagem também é caracterizado através da complementação pela capacitação, que de acordo com Lima (2004) deve obedecer a determinados instrumentos que visam realizar um melhor aproveitamento da reportagem em livro.

O primeiro desses instrumentos são as entrevistas de compreensão. De acordo com Lima (2004) o Livro-Reportagem vale-se das entrevistas com a finalidade de obter compreensão.

É usual a entrevista aparecer, como um depoimento coletado, na condição de simples aval de um tema que se discute. Todavia, muito mais do que na reportagem do jornalismo impresso cotidiano, a entrevista desponta no livro como uma forma de expressão por si, dotada de individualidade, força, tensão, drama, esclarecimento, emoção, razão, beleza. Nasce daí o diálogo possível, o crescimento do contato humano entre entrevistador e entrevistado, que só acontece porque não há a pauta fechada castrando a criatividade. (LIMA, 2004, p. 107)

Com isso, o repórter assume o papel de maestro, que costura depoimentos, interligando as visões de mundo de tal forma que atinge uma situação máxima de excelência no domínio da entrevista, ou seja, "de tecedor invisível da realidade, que salta, vívida, das páginas para o coração, a mente e todo o aparato perceptivo do leitor." (LIMA, 2004, p. 107)

As entrevistas de compreensão são divididas em subgêneros, como a entrevista conceitual. Lima (2004) cita também o subgênero investigativo, que acontece quando o autor confronta depoimentos em off com as coletas realizadas em on, ou em pesquisa documental, visando comprovar a veracidade do que vai transmitir. Há também o perfil humanizado, que na visão de Lima (2004), ocorre quando o Livro-Reportagem concede à entrevista a máxima possibilidade de alcançar dimensão superior ao que raramente seria aceitável nos veículos periódicos.

Outra característica da captação são as histórias de vida, que normalmente surgem no Livro-Reportagem através da forma da entrevista clássica, com a reprodução do diálogo entre entrevistador e entrevistado, ou através de um depoimento direto, ou ainda pela fusão dessas duas modalidades, geralmente em uma narrativa em primeira ou terceira pessoa.

A observação participante é outra marca do Livro-Reportagem, que de acordo com Lima (2004), tem estreita relação com o *New Journalism*. O autor diz que o jornalista deve se envolver com os acontecimentos e situações, vivendo na pele as circunstâncias e o clima característico do ambiente dos seus personagens.

Outro método de captação defendido por Lima (2004) é a memória, que na concepção do autor, funciona como um resgate de riquezas psicológicas e sociais, possibilitando ao escritor atingir uma dimensão superior de compreensão, tanto dos atores sociais como da própria realidade.

A documentação é mais instrumento que colabora com a formulação do Livro-Reportagem. Segundo Lima (2004), a documentação funciona como auxílio à fundamentação do tema abordado pela reportagem, sobretudo no que diz respeito à profundidade.

O último tópico da captação é a visão pluridimensional simultânea.

Ao contrário do jornalismo cotidiano, o livro-reportagem moderno ensaia introduzir, em seu enfoque, uma lente que passa a observar a realidade na dimensão ampliada perceptível pela ciência moderna. Não se trata mais da visão reduzida do cartesianismo, mas sim da incorporação de óticas modernas abrangentes. [...] O jornalismo não deixa de abordar o real, não se confunde com a ficção. Mas nega que o real seja apenas sua porção mais aparente, visível, concreta, material. (LIMA, 2004, p. 130-131)

Lima (2004) continua sua explanação sobre o Livro-Reportagem alertando para a necessidade de técnicas que possibilitem um texto mais fruído, item indispensável na produção do Jornalismo Literário e da reportagem em livro. No Jornalismo Diário o texto está excessivamente preso à informação, enquanto no Livro-Reportagem ele pode receber um tratamento mais enriquecedor.

De acordo com Lima (2004), o Livro-Reportagem deve reservar especial atenção à narração, descrição, exposição, funções de linguagem, técnicas de angulação, ponto de vista e técnicas de edição.

Segundo Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1977, apud LIMA, 2004, p. 147) a narração é a organização dos fatos, das mais diversas naturezas. No texto comunicativo, os acontecimentos situados no nível de uma sequência temporal, constituem uma narrativa.

Para Lima (2004), a narração do Livro-Reportagem deve ser construída, na maioria das vezes, a partir de uma ação dada, privilegiando a intensidade.

Quanto maior a necessidade de o autor efetuar um corte verticalizado, mais terá de expandir a sua lente narrativa, enriquecendo-a com as realidades de um mesmo fato imanentes ao acontecimento nuclear, pois é desse modo que o abarca numa dimensão superior, enquadra o seu significado. (LIMA, 2004, p. 148)

O autor continua sua explanação sobre a narração da reportagem em livro dizendo que vale o relato impregnado de substrato emocional e ambiental do que simplesmente cru, que se esvai rapidamente. Em ambos os casos há a necessidade de relatar com força, precisão, clareza e impacto.

Quanto à descrição, Sodré e Ferrari (1977, apud LIMA, 2004, p. 150) é a representação particularizada dos seres, objetos e ambientes. Lima (2004) complementa dizendo que existem quatro tipos de descrição, a pictórica, a topográfica, cinematográfica e a prosopografia. A primeira ocorre através da soma dos detalhes, com o observador imóvel em relação ao que é observado; a topográfica, que concede maior ênfase a certos aspectos do que é observado; a cinematográfica, quando destaca a luz e o jogo de luzes ou sombras sobre o objeto observado e por fim, a prosopografia, que descreve fisicamente as pessoas.

Outro elemento decisivo no Livro-Reportagem é a exposição. Como bem define Sodré e Ferrari (1977, apud LIMA, 2004, p. 153) a exposição é a "apresentação de um fato e suas características, com a análise das causas e efeitos, de maneira muito pessoal ou não." Lima (2004) ainda complementa dizendo que a exposição é aplicada quando o escritor quer discutir uma questão básica e argumentar de modo a tentar convencer o leitor a aceitar a sua visão do problema.

Lima (2004) defende que há seis funções de linguagem: referencial, expressiva, conativa, fática, poética e metalinguística. Entretanto, o Jornalismo mais convencional se prende apenas a primeira, o que, na concepção do autor, limita as possibilidades de enriquecer o texto. Entretanto, no Livro-Reportagem o seu escritor sente a necessidade de usar e alternar as seis funções de linguagem, objetivando atrair o leitor, colocá-lo simbolicamente no palco dos acontecimentos e das questões.

As técnicas de angulação são outros fatores que contribuem para a fruição do texto na reportagem em livro. A angulação para Gaudêncio Torquato (1984, apud LIMA, 2004, p. 158) significa "escolher uma abordagem, uma palavra, uma imagem, cores; angular é saber onde e como colocar determinado componente no texto, de maneira que a ideia apresentada seja a mais próxima daquilo que se pretendeu".

Ainda de acordo com Torquato (1984, apud LIMA, 2004, p. 158) existem três conjuntos de técnicas de angulação. O primeiro conjunto envolve imagens, analogias e comparações. O segundo conjunto engloba a tipificação de situações e personagens, ou seja, a descrição de pessoas, ambientes e objetos. Essa técnica descritiva já foi citada anteriormente no trabalho. Por fim, o terceiro conjunto é formado pela descoberta do

aspecto mais original ou interessante da matéria, principalmente quando se trata de textos de interesse humano.

O ponto de vista no Livro-Reportagem também é um tópico a ser levado em consideração, pois, de acordo com Lima (2004):

A narrativa jornalística é como um aparato ótico que penetra na contemporaneidade para desnudá-la, mostrá-la ao leitor, como se fosse uma extensão dos próprios olhos dele, leitor, naquela realidade que está sendo desvendada. Para cumprir tal tarefa, a narrativa tem de selecionar a perspectiva sob a qual será mostrado o que se pretende. Em outras palavras, deve optar na escolha dos olhos- e de quem- que servirão como extensores da visão do leitor. (LIMA, 2004, p. 161)

Encerrando as características do Livro-Reportagem é preciso observar as técnicas de edição. De acordo com Lima (2004), os segmentos que formam a reportagem em livro precisam possuir um hábil tratamento de montagem, de estruturação e ordenação do conjunto de ações, ambientes, personagens, discussões e questões, visando gerar uma unidade organizada com lógica, graça e harmonia. É dessa organização e distribuição que depende a fluência que a narrativa terá e a eficiência que a mensagem alcançará.

Finalizada a explanação sobre o Livro-Reportagem e as suas particularidades, o presente trabalho pretende agora abrir uma breve explicação sobre o objeto de estudo e o seu autor, Ruy Castro.

3.3. O AUTOR E O OBJETO

Ruy Castro nasceu na cidade mineira de Caratinga, em 26 de fevereiro de 1948, mas mudou-se com a família para o Rio de Janeiro em 1964, aos 16 anos. Formado em Ciências Sociais, atua como jornalista e escritor, tendo iniciado a sua carreira em 1967 no jornal carioca *Correio da Manhã*. Ao longo de sua carreira trabalhou em outras publicações, como *Jornal do Brasil*, *Manchete*, *Veja São Paulo*, *Isto É*, *Status* e *Playboy*. Atualmente assina uma coluna no jornal *Folha de São Paulo*.

Em 1990 inicia uma bem-sucedida carreira na escrita de livros de caráter

biográficos e históricos e consagra-se como um dos maiores nomes do gênero. Ruy Castro foi o responsável por biografar a vida de personalidades como o escritor Nelson Rodrigues, o futebolista Mané Garrincha e a atriz e cantora Carmen Miranda, através das obras *O Anjo Pornográfico: A Vida de Nelson Rodrigues*, *Estrela Solitária- Um Brasileiro Chamado Garrincha* e *Carmen- Uma Biografia*.

Também produziu diversos livros históricos, como *Saudades do Século XX*, que conta um pouco da história de algumas personalidades do cinema, música e literatura do século passado; *Ela é Carioca*, um levantamento histórico sobre o bairro de Ipanema, no Rio de Janeiro; *A Onda Que se Ergueu no Mar*, que realiza um novo mapeamento da trajetória da Bossa Nova; e *Carnaval no Fogo*, que narra determinadas curiosidades da cultura e da história da cidade do Rio de Janeiro.

Ruy Castro também se aventurou pela ficção através de obras como *Bilac Vê Estrelas*, *Era no Tempo do Rei* e *O Pai Que Era Mãe*. Todos exibindo o mesmo rigor histórico com que seu autor compôs seus livros biográficos e históricos.

Em entrevista a repórter Gaby de Saboya, da TV Câmara do Rio de Janeiro, Ruy Castro disse que o gosto pela leitura e escrita nasceu ainda na primeira infância. Sentado no colo de sua mãe acompanhava a leitura das crônicas de *A Vida Como Ela É*, de Nelson Rodrigues, que no futuro seria um dos seus biografados.

Em relação a sua veia de biógrafo, Castro disse que começou a consumir biografias a partir da década de 1970, ficando fascinado com a riqueza das informações e com o trabalho que este tipo de publicação requeria, como por exemplo, consultas que superavam 200 fontes. Apesar do encantamento o autor admite que num primeiro momento não se interessou pelo gênero como escritor, pois estava satisfeito trabalhando como jornalista. Mas, alguns anos mais tarde começou a ter ideias que não cabiam num veículo convencional. Foi o caso da Bossa Nova. Nascia assim um dos livros mais famosos de Ruy Castro e sua estréia na Literatura: *Chega de Saudade- As Histórias e as Histórias da Bossa Nova*, que vem a ser o objeto de estudo deste trabalho.

Chega de Saudade foi lançado em 1990 pela editora Companhia das Letras, sendo o livro de estreia de Ruy Castro, que vinha de uma gloriosa carreira como jornalista. O livro

tem como proposta fazer um levantamento histórico sobre a Bossa Nova, gênero musical criado no Rio de Janeiro em 1958. Para isso o seu autor realizou uma minuciosa apuração sobre os antecedentes, o surgimento, o apogeu, a decadência e o ressurgimento da Bossa Nova.

A obra tem como personagens as figuras que, direta ou indiretamente, fizeram parte da história da Bossa Nova, como os cantores e compositores João Gilberto, Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Nara Leão, Newton Mendonça, Carlos Lyra, Ronaldo Bôscoli, Maysa, Johnny Alf e Sylvinha Telles, entre outros.

Apesar de não ter um protagonista propriamente dito- a personagem principal é a própria Bossa Nova- é notório que o livro tem como mote central a trajetória pessoal e artística do cantor e compositor João Gilberto, considerado o criador deste gênero musical.

De acordo com Ruy Castro em entrevista ao jornal português *O Público*, na edição de 02 de julho de 2016, a ideia de escrever *Chega de Saudade* surgiu em 1988, quando trabalhava como jornalista na revista *Playboy*. Na ocasião deveria entrevistar o maestro Tom Jobim. Para amaciá-lo antes de entrar nas perguntas características da publicação Castro começou a lhe fazer perguntas sobre a Bossa Nova. Ao terminar percebeu que tinha em mãos um material extraordinário.

Ainda de acordo com a entrevista à TV Câmara do Rio de Janeiro, a produção do livro marcou uma virada em sua vida pessoal, pois foi o seu primeiro trabalho após se libertar de mais de 20 anos de dependência química e alcoólica. Para o autor o livro não poderia ter sido feito no seu estado anterior, devido a sua grande complexibilidade. Além disso, o comprometimento com a obra o ajudou a enfrentar aquele momento de reabilitação pelo qual estava passando.

Chega de Saudade- As Histórias e as Histórias da Bossa Nova foi escolhido como objeto de estudo deste trabalho por três motivos. O primeiro é a perenidade do seu tema central, pois mesmo em 2018 a Bossa Nova continua presente na memória dos que viveram o movimento musical em seu apogeu e ainda ganha novos admiradores, das mais recentes gerações. Além disso, a Bossa Nova continua sendo um dos gêneros musicais brasileiros mais tocados e reverenciados ao redor do planeta.

O segundo motivo para a escolha deste objeto foi o fato de em 2018 a Bossa Nova estar completando 60 anos de existência, ainda sendo um dos mais importantes estilos de música da cena cultural brasileira. O terceiro motivo foi o ineditismo de uma análise sobre a obra *Chega de Saudade*. Diversos livros de Ruy Castro já serviram como tema de trabalhos acadêmicos, como *O Anjo Pornográfico* e *Carmen*. Mas nunca havia sido feito um trabalho específico sobre *Chega de Saudade*, justo o seu livro de estréia na produção de livros.

Agora que foi apresentado o objeto de estudo, o trabalho parte rumo a sua próxima etapa, a análise de conteúdo da obra *Chega de Saudade*, que será melhor explicada no capítulo seguinte.

4. ANÁLISE DE CONTEÚDO

De acordo com a concepção de Bardin (2011) a Análise de Conteúdo é um conjunto de instrumentos metodológicos que se aplica a conteúdos altamente extensos e diversificados, sendo capaz de produzir uma interpretação textual controlada e baseada na dedução, o que a autora chama de inerência, utilizando procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise de comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações. (BARDIN, 2011,p. 37)

A autora defende ainda que a Análise de Conteúdo deve ter por objetivos a superação da incerteza e o enriquecimento da leitura. O primeiro deve responder a questionamentos como se a leitura de quem produz a análise é válida e generalizável, enquanto o segundo busca observar se uma leitura atenta poderá aumentar a produtividade e a pertinência da análise.

Bardin (2011) segue a sua explanação sobre a Análise de Conteúdo explicando que o método utilizado por este tipo de estudo divide-se em três pontos. São eles: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

A pré-análise tem por objetivo selecionar os documentos que serão utilizados durante a pesquisa, a concepção das hipóteses e dos objetivos e a formulação de indicadores que fundamentem a interpretação final do trabalho acadêmico. A função da exploração do material é realizar a análise propriamente dita, o que a própria Bardin (2011) define como a fase mais longa e fastidiosa de um trabalho. Por fim, o tratamento dos resultados tem por função focalizar os resultados brutos da pesquisa e tratá-los de maneira a serem significativos e válidos. De posse desses resultados o pesquisador pode propor inferências e realizar interpretações em cima dos objetivos previstos.

Outro ponto fundamental para a realização da Análise de Conteúdo é a

categorização do material analisado, como bem explica Bardin:

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero, com critérios previamente definidos. As categorias são rúbricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns destes elementos. O critério de categorização pode ser semântico, sintático, léxico e expressivo. (BARDIN, 2011, p. 147)

Bardin (2011) alerta ainda que classificar elementos em categorias implica em investigar o que cada um deles tem em comum com outros. Para isso é preciso efetuar duas etapas, o inventário, que consiste em isolar os elementos, e a classificação, que se dá em repartir os elementos, e conseqüentemente, procurar ou impôr certa organização às mensagens.

Por fim, Bardin (2011) explica que uma boa categorização deve possuir alguns princípios, como a exclusão mútua, em que cada elemento não pode existir em mais de uma divisão; a homogeneidade, em que um único princípio de classificação deve governar a sua organização; a pertinência, quando a categoria é considerada pertinente quando está adaptada ao material de análise escolhido; a objetividade e a fidelidade e, finalmente, a produtividade, que se dá quando o conjunto de categorias é produtivo, fornecendo resultados férteis.

É importante destacar que se fez necessário apresentar algumas características da Análise de Conteúdo, pois esta é a metodologia aplicada no presente trabalho, que visa identificar na obra *Chega de Saudade- As Histórias e as Histórias da Bossa Nova*, de Ruy Castro, as características do Jornalismo Literário e do Livro-Reportagem. Daí a importância de utilizar uma Análise de Conteúdo, devido a sua lógica de separar o conteúdo em categorias, que pode levar ao trabalho organização.

A análise do objeto será feita a partir de uma pesquisa intensiva, pois a sua narrativa jornalística é construída a partir de uma pesquisa qualitativa, pois o autor constrói o seu discurso através de entrevistas, pesquisas bibliográficas, relatos de fontes oficiais e não-oficiais, com o objetivo de compreender, o máximo possível, todo o contexto e as

particularidades do tema da Grande Reportagem.

Esta Análise de Conteúdo é formada por quatro categorias, baseadas em conceitos e teorias de Felipe Pena (2006) e Edvaldo Pereira Lima (2004) que buscam caracterizar, respectivamente, o Jornalismo Literário e o Livro-Reportagem.

4.1. A ESTRUTURA ANALÍTICA

A primeira categoria é representada pela Estrela de Sete Pontas, que de acordo com Pena (2006) é a melhor maneira de identificar e caracterizar o Jornalismo Literário. Essa categoria é composta pelos sete tópicos defendidos pela Estrela. São eles: potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos, proporcionar visões amplas da realidade, exercitar a cidadania, afastar-se da burocracia do *lead*, evitar os definidores primários e garantir a perenidade dos fatos. Através desta primeira categoria deve-se identificar no objeto os sete pontos citados anteriormente, visando comprovar a presença do Jornalismo Literário na obra.

Após a observação da estrela das sete pontas no livro e dando sequência a análise do conteúdo, será analisado na segunda, terceira e quarta categoria, a estrutura do livro reportagem pela ótica de Edvaldo Pereira Lima (2004).

A segunda categoria é o caráter extensivo da pauta, onde serão utilizados conceitos de Lima (2004). Esta categoria tem como tópicos as certas liberdades que caracterizam o Livro-Reportagem, como a liberdade temática, de angulação, de fontes, temporal, do eixo da abordagem e de propósito. Todos esses tópicos devem ser explicados e identificados no objeto.

A terceira categoria refere-se a complementação pela capacitação. Esta categoria aborda como o autor construiu o enredo do objeto, através de entrevistas de compreensão, histórias de vida, observação participante, memória, documentação e visão pluridimensional simultânea.

A quarta categoria diz respeito ao desenvolvimento do texto. Nesta parte do trabalho deverão ser identificados no texto, a partir da ótica de Lima (2004), como ocorre a

narração, a descrição das cenas, a exposição dos temas, as funções da linguagem, as técnicas de angulação, os pontos de vista e as técnicas de edição.

O conteúdo do livro *Chega de Saudade* é dividido em quatro partes, o prólogo, *O Grande Sonho*, *O Grande Feriado* e o epílogo. O conteúdo mais consistente do livro encontra-se distribuído nas partes intituladas de *O Grande Sonho* e *O Grande Feriado*, ambas subdivididas em capítulos. Por isso, esses dois tópicos serão as partes analisadas pelo trabalho, visando responder se há elementos do Jornalismo Literário e do Livro-Reportagem presentes no objeto. A primeira parte engloba os antecedentes da Bossa Nova, como os fatos que levaram a criação deste gênero musical e o agrupamento dos artistas responsáveis por sua formulação. A segunda parte narra o surgimento efetivo da Bossa Nova no cenário musical, os primeiros grandes sucessos, o seu apogeu e a sua estagnação.

A primeira categoria será aplicada nas duas partes do livro. Já as demais categorias podem ser aplicadas no Livro-Reportagem de modo geral, devido a sua grande complexibilidade, mas sempre tendo por base conceitos e teorias formuladas pelos autores Felipe Pena (2006) e Edvaldo Pereira Lima (2004) sobre o Jornalismo Literário e o Livro-Reportagem.

Agora que foi explicado o que é uma Análise de Conteúdo, quais as categorias serão utilizadas para a análise do objeto e como será feita a divisão do livro-reportagem tema deste trabalho, será iniciada no próximo tópico a Análise de Conteúdo, propriamente dita, da obra *Chega de Saudade*.

4.2. A ESTRELA DE SETE PONTAS EM *O GRANDE SONHO*

A primeira parte do livro-reportagem, intitulada de *O Grande Sonho*, narra os antecedentes da Bossa Nova, como os fatos que levaram a criação de um novo gênero musical, a chegada de João Gilberto ao Rio de Janeiro, até então capital federal, e portanto centro cultural do país; o início das parcerias que marcariam o movimento, como Tom Jobim e Vinícius de Moraes, e Tom e João Gilberto; além do contexto histórico, cultural e social do Brasil no período compreendido entre os anos 1948 e 1958.

O primeiro tópico a ser observado nesta categoria, a partir da concepção de Pena (2006), é a potencialização dos recursos do Jornalismo, que significa desenvolver as técnicas utilizadas no Jornalismo Diário, como a apuração rigorosa dos fatos e a observação atenta. É o que se pode observar neste trecho do objeto:

O já consagrado poeta e recalcitrante diplomata Vinícius de Moraes não foi nem poderia ter sido sócio do clube. Nos dezessete meses de existência real do Sinatra-Farney, de fevereiro de 1949 a julho de 1950, Vinícius estava servindo em Los Angeles. O violonista Luiz Bonfá, estrela do conjunto vocal Quitandinha Serenaders, também nunca foi visto nas imediações da Moura Brito pelos outros sócios. Já a única associação do futuro compositor Billy Blanco com o Sinatra-Farney foi amorosa, por namorar (e depois casar-se com) uma das sócias fundadoras, Ruth, prima de Carlos Manga. (CASTRO, 2013, p. 29)

Na citação acima, Ruy Castro explica com riqueza de detalhes os membros e não membros de um fã-clube, celeiro da futura Bossa Nova, o motivo de Vinícius de Moraes não poder fazer parte do clube.

O segundo tópico diz respeito a ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano, o que Pena (2006) entende por ignorar duas das principais características jornalísticas, periodicidade e atualidade, não se preocupando com o imediatismo da notícia. Por exemplo:

A notícia de que saíra um disco novo de Sinatra provocava alvoroço, embora isso não tivesse nada de raro. Estrelas como ele soltavam um disco a cada quinze dias nos Estados Unidos, já que os 78s continham apenas duas músicas. Com algum atraso esse disco acabava aportando no Rio e era a senha para juntar todo mundo no clube, ao redor do objeto santificado. (CASTRO, 2013, p. 31)

Aqui, pode-se observar que o autor lança mão de uma informação que no momento atual pode não despertar tanto interesse no grande público, mas que é importante para compôr a obra, pois Frank Sinatra foi um dos inspiradores da então nova geração de cantores e compositores que fundariam a Bossa Nova, tema do Livro-Reportagem.

A terceira ponta da Estrela é a possibilidade de proporcionar visões amplas da

realidade, ou seja, é preciso contextualizar a informação com algum outro ponto, como em determinado trecho do livro em que Ruy Castro relaciona a sensação de ouvir a canção *Chega de Saudade* a um famoso filme de Hollywood e ainda faz uma ligação entre o cantor João Gilberto e seus colegas da época. É o que se pode observar no seguinte trecho:

Charlton Heston descendo do monte Sinai com os Dez Mandamentos debaixo do braço- foi mais ou menos essa a sensação dos que ouviram “*Chega de Saudade*” com João Gilberto pela primeira vez. Mesmo os que já achavam Jobim *moderno* por “*Foi a Noite*” e “*Se todos fossem iguais a você*” tiveram um choque. Em menos de dois minutos, essas canções ficaram tão antigas quanto “*Ninguém me ama*”... (CASTRO, 2013, p. 193)

A quarta ponta da Estrela diz que é preciso exercer a cidadania. Aqui o trabalho abre uma exceção e busca o trecho que caracteriza a cidadania no epílogo do livro, que inicialmente não fazia parte do roteiro de análise desta pesquisa. O trecho em questão diz o seguinte:

Ligue o rádio em Nova York, Montreal, Paris, Tóquio ou Sydney e você ouvirá Bossa Nova. Em discos, a música de Antônio Carlos Jobim e João Gilberto vive a bordo de aviões, navios, bares, elevadores, salas de espera, aeroportos, estações ferroviárias- e, ao vivo, em salas de concerto, teatros, ginásios, estádios, praias. [...] Segundo dados oficiais, “*Garota de Ipanema*” rivaliza com “*Yesterday*”, de Lennon & McCartney, na casa dos 5 milhões de execuções, e “*Águas de março*” foi apontada [...] como uma das dez canções do século. Além destas, Jobim tem outras cinco ou seis canções com quase 2 milhões de execuções em escala planetária. Grande parte do catálogo da Bossa Nova está disponível em CD nos Estados Unidos, no Japão e na Europa. [...] Não há cantor ou orquestra americano da fase clássica que não tenha gravado Bossa Nova. [...] Inúmeras cantoras contemporâneas [...] passam a incluir standards da Bossa Nova em seu repertório. (CASTRO, 2013, p. 421-422)

Com este trecho fica evidente a importância cultural da Bossa Nova, no Brasil e em escala mundial, pois está exportando a cultura brasileira para o resto do planeta, além da absorção do gênero musical no cotidiano. Pena (2006) diz que o escritor deve escolher um tema que contribua para a sociedade. Neste caso a Bossa Nova pode ser encarada como um fator cultural, que vem a ser um dos princípios da cidadania, afinal, a cultura é uma forma do povo se conhecer como cidadão.

A quinta ponta da Estrela formulada por Pena (2006) diz que o texto do Jornalismo Literário deve ignorar o lead. Em *Chega de Saudade* um bom exemplo de um *lead* que seria pouco usual no Jornalismo Diário, se dá na introdução do texto que narra a chegada de João Gilberto ao Rio de Janeiro:

João Gilberto desceu sozinho a escadinha do DC-3, no Galeão, tomou um táxi e subiu ao sexto andar da Rádio Tupi, na av. Venezuela. Nunca tinha ido ao Rio, mas a cidade não o assustou. Trazia o violão dentro da capa e estava chegando para vencer. Sua entrada no estúdio, onde o esperavam os Garotos da Lua, foi perto do triunfal. Alvinho o apresentou aos seus futuros colegas e também a estrela Dircinha Batista, amiga do grupo e que casualmente estava por ali. (CASTRO, 2013, p. 61)

Neste trecho é perceptível que apesar de apresentar o personagem e o seu contexto ao público, o escritor não o faz de maneira seca e ríspida como convém ao Jornalismo Factual.

A sexta característica da Estrela exige que os definidores primários sejam evitados, ou seja, as fontes oficiais que normalmente ocupam cargo público e sempre têm destaque na imprensa. Essa característica se faz importante porque como o próprio Pena (2006) diz o Jornalismo Literário foge do óbvio.

No começo daquele ano, por exemplo, quando a amplificadora atingiu o seu máximo de ibope, o motivo da transmissão não teve nada a ver com música.

Raimundo, um gerente de banco de Salvador que viera a Juazeiro para instalar uma agência do Banco do Formento Agrícola, viveu um flamejante e secreto caso de amor com uma beldade local chamada Juju. Tanto Raimundo quanto Juju eram casados, esta com o agravante de ter como marido um militar PM. Raimundo instalou a agência e foi a Salvador buscar a patroa, para se estabelecer de vez em Juazeiro. Mas, assim que chegou, a sra. Raimundo foi contemplada com uma coleção de cartas anônimas, daquelas com detalhes, relatando o caso de seu marido com Juju. (CASTRO, 2013, p. 10)

Muito provavelmente este trecho do livro- sobre um pitoresco episódio ocorrido durante a adolescência de João Gilberto em sua cidade natal, Juazeiro, na Bahia- fez jus à teoria da Estrela de Sete Pontas de evitar os definidores primários. É bem pouco provável

que essa história tenha sido colhida através de uma fonte oficial, como um gestor público, por exemplo.

A Estrela de Sete Pontas é fechada pelo tópico que diz que o Jornalismo Literário deve possuir perenidade, não sendo efêmero ou superficial. A proposta do Livro-Reportagem analisado, e da Literatura de um modo geral, é eternizar a sua história e o seu tema. Em *Chega de Saudade*, Ruy Castro provavelmente tem como um dos seus objetivos eternizar a história da Bossa Nova, um dos episódios mais importantes da cultura brasileira. Essa perenidade está presente em toda a primeira parte do objeto, de uma maneira geral.

4.3. A ESTRELA DE SETE PONTAS EM *O GRANDE FERIADO*

O presente trabalho inicia agora a Análise de Conteúdo da 2ª parte do objeto de estudo, o livro-reportagem *Chega de Saudade*, de Ruy Castro. Intitulada como *O Grande Feriado*, esta parte do livro narra desde o início oficial da Bossa Nova, em 1958 até 1990, ano de conclusão do livro. Esta parte da obra reconta exatos 32 anos do gênero musical, abordando o seu nascimento efetivo, o seu auge, o seu momento de crise, sua temporada no ostracismo e o seu retorno triunfal à vida cultural brasileira.

A categoria utilizada para analisar esta parte do objeto é, mais uma vez, a Estrela de Sete Pontas, conceituada por Felipe Pena (2006). De acordo com o autor, uma das principais características dessa teoria é a potencialização dos recursos do jornalismo, presente no objeto de estudo graças à rigorosa apuração e observação dos fatos, feitas pelo seu realizador, Ruy Castro. Como, por exemplo, o seguinte trecho:

Os apelidos devem ter atingido Maria como um ultraje à sua alma branca porque, numa daquelas noites, ele procurou Ronaldo Bôscoli no Beco das Garrafas, para lhe tomar satisfações.

Se enfrentasse Maria com as mãos limpas, o destino próximo de Bôscoli seria a capela Real Grandeza. E era o que parecia fadado a acontecer, quando o volumoso cronista passou a descompor Ronaldo na porta do Little Club, ameaçando dar-lhe uns safanões, e Bôscoli considerou a hipótese de reagir. Quando os dois estavam a ponto de partir para os sopapos, Aloysio de Oliveira, que se divertia assistindo à cena, resolveu

intervir: botou o pinto para fora e urinou no sapato de Antônio Maria. [...] Maria ficou olhando o próprio sapato como se usasse polainas. [...] Os três explodiram numa grande gargalhada e entraram no Little Club para beber. Mas Maria continuou antipático à Bossa Nova e Ronaldo a chamá-lo de *Galak*. (CASTRO, 2013, p. 237-238)

Pena (2006) também diz que o Jornalismo Literário deve ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano, ou seja, não deve se ater a periodicidade e a atualidade, que vem a ser os principais pilares do Jornalismo Diário. No objeto essa característica é detectada no seguinte trecho:

Enquanto a voz e o violão de João Gilberto apregoavam pela Rádio Nacional a excelência do “sabonete das estrelas” no intervalo das novelas, estas mesmas voz e violão estavam no estúdio da Odeon gravando o LP que se chamaria *O amor, o sorriso e a flor*- e que seria o disco de consolidação da Bossa Nova. No dia 28 de março, ele gravou “Meditação”, de Tom e Mendonça, “Só em teus braços”, apenas de Tom, e “Se é tarde me perdoa”, de Carlinhos e Ronaldo. As três com orquestra. E poderia ter gravado outras se não tivesse recebido um telefonema de Astrud, dando conta de que seu gato [...] caíra da janela. (CASTRO, 2013, p. 247-248)

Outra característica da Estrela de Sete Pontas que está presente na construção narrativa do livro-reportagem analisado é a visão ampla da realidade, que significa dizer que o texto do Jornalismo Literário deve contextualizar a sua informação da maneira mais ampla possível. Como no determinado trecho do livro-reportagem em que o cenário musical da época é relacionado ao momento político do país, através da relação do compositor Carlinhos Lyra com um grupo político. Veja:

Os furúnculos nacionalistas ainda não estavam tão inflamados em 1960 quanto se tornariam dois ou três anos depois. Mas já começavam a pipocar na sede da UNE (União Nacional dos Estudantes), na praia do Flamengo, onde se reuniam os rapazes que estavam criando o CPC (Centro Popular de Cultura). Alguns desses rapazes (vá lá) eram Ferreira Gullar, Leon Hirszman, Carlos Estevam, Oduvaldo Viana Filho e, este sim, o garoto Carlinhos. [...] Não que Carlinhos concordasse com tudo que se discutia no CPC. [...] Carlinhos já ensaiara uma ligeira dissidência, ao desaprovar o nome original com que queriam batizar o CPC- e que seria CCP (Centro de Cultura Popular). “Sou contra”, ele votou. “Sou burguês. Não faço cultura popular, faço cultura burguesa, não tem jeito.” (CASTRO, 2013, p. 259)

Mais uma característica da Estrela que deve estar presente no Jornalismo Literário é a prática da cidadania. Pena (2006) diz que isso quer dizer que o tema escolhido pelo escritor deve contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum. A 2ª parte do objeto, como um todo, apresenta esta característica, pois a obra *Chega de Saudade* tem um papel de divulgar a cultura ao contar em suas páginas a história de um dos movimentos musicais mais importantes do Brasil.

Também é possível encontrar no livro-reportagem analisado a quinta característica da Estrela de Sete Pontas: o desprezo ao *lead*. Sob a ótica de Pena (2006) o texto do Jornalismo Literário não precisa, necessariamente, ser iniciado respondendo a questionamentos como Quem? O quê? Onde? E Quando? O primeiro parágrafo pode ser totalmente livre. É o que se observa no seguinte trecho do objeto:

Depois de devolver os anéis a Carlinhos Lyra, Ronaldo Bôscoli contraiu núpcias musicais com Roberto Menescal. Começou ali o que Ronaldo classificaria como “o grande feriado” na vida de todos eles. Foi um casamento entre a música e o mar [...] Hoje podemos pensar que a Bossa Nova já nasceu com gosto de sal, porque canções como “Garota de Ipanema”, de Tom e Vinícius, em 1962, e “Samba de verão”, de Marcos e Paulo Sérgio Valle, em 1964, foram imensos sucessos e passaram a simbolizá-la tão bem. (CASTRO, 2013, p. 270)

A sexta ponta da Estrela, evitar os definidores primários, também é encontrada na narrativa do objeto. Pena (2006) diz que essa sexta característica evita as fontes oficiais, como órgãos oficiais, preferindo optar por fontes não tão cristalizadas. No objeto um exemplo dessa sexta ponta é o trecho:

Os jovens da Zona Sul se mobilizaram naquela noite de maio de 1960, uma sexta-feira. Havia quem suspirasse por não poder estar em dois lugares ao mesmo tempo. Na faculdade da Praia Vermelha, seria *A noite do amor, do sorriso e a flor*, com toda a turma de Ronaldo e a prometida presença de João Gilberto (pela primeira vez num show da Bossa Nova), além de Vinícius. Na faculdade da Gávea, seria a *Noite do Sambalanço*, com a turma de Carlinhos, anunciando como atração uma discutível “adesão”: Juca Chaves, em voga na época com suas baladas e modinhas, todas mais para Avalon do que para o Arpoador. (CASTRO, 2013, p. 262-263)

Pena (2006) determina que a sétima lança da Estrela de Sete Pontas ofereça perenidade ao tema da Grande-Reportagem. O texto do Jornalismo Literário não pode ter

um efeito momentâneo, mas sim um efeito que atravessasse as mais diversas gerações.

A Bossa Nova, tema do objeto de estudo, tem esse caráter permanente, uma vez que é um assunto que ainda desperta interesse nos apreciadores do gênero. Em *Chega de Saudade* a perenidade do tema é observada em todo o seu enredo, podendo ser exemplificada no trecho a seguir:

Em 1961 não se virava uma pedra nas ruas do Rio sem se topar por baixo com algo “Bossa Nova”. Carlinhos Lyra tinha razão: a marca era boa demais para não ser registrada- embora isso não tivesse impedido que o mundo saísse da toca e a abocanhasse. A imprensa, a televisão e a publicidade foram as que mais se serviram. Seus diretores de arte ganharam uma liberdade com que nunca haviam sonhado e fizeram uma festa com o uso do espaço em branco, da disposição das fotos, dos títulos caprichados, da tipografia quase caligráfica- enfim, de tudo que lhes parecia “Bossa Nova”. (CASTRO, 2013, p. 277-278)

4.4. A EXTENSÃO PELA PAUTA

De acordo com Lima (2004) a produção do Livro-Reportagem concentra-se nos seus procedimentos de extensão. Um desses procedimentos é a extensão pela pauta, que se subdivide em seis tópicos: liberdade temática, liberdade de angulação, liberdade de fontes, liberdade temporal, liberdade do eixo de abordagem e a liberdade de propósito.

Lima (2004) diz ainda que a reportagem em livro tem a possibilidade de ampliar o seu poder de comunicação, daí a importância deste gênero possuir liberdade temática, que tem por objetivo tratar de um determinado tema com uma profundidade maior do que no jornalismo convencional.

É o caso da obra *Chega de Saudade*. Certamente a Bossa Nova já havia sido tema de matérias jornalísticas, mas nunca de maneira tão profunda e rica em detalhes como no livro de Ruy Castro. Pode-se encontrar um exemplo de liberdade temática no seguinte trecho da obra:

No verão de 1949, os nativos estavam inquietos no país do Carnaval. As cuícas iriam roncar nas ruas do Rio em fevereiro, e as válvulas dos Philcos já pegavam fogo ao som dos sucessos daquele ano. De três em três minutos, a Rádio Nacional martelava “Chiquita bacana”, com

Emilinha Borba, e “General da banda”, com Blecaute. Era um massacre, a que nem os surdos eram poupados. (CASTRO, 2013, p. 22)

A segunda característica da extensão pela pauta é a liberdade de angulação. Na ótica de Lima (2004) a característica marcante deste tipo de angulação é a presença marcante e expressiva do escritor, que busca formas de conquistar o leitor que não seriam bem-vindas no jornalismo tradicional. É o que se observa no seguinte trecho do objeto contemplado pela Análise de Conteúdo:

A viagem da Bahia ao Rio, em 1950, em pau-de-arara, pela BR-116 de antes do asfalto, era uma prova de resistência, com mais perigos nos quase 1600 quilômetros do que nos filmes seriados da Republic. Com chuva, quem sobrevivesse aos atoleiros, deslizamentos e crateras arriscava-se a despencar barranco abaixo quando a estrada sumia de repente. Não havia ônibus direto; de trem, morria-se de tédio ou de velhice; e de navio, comia-se pior do que no encouraçado *Potemkim*. (CASTRO, 2013, p. 58)

No trecho citado acima percebe-se a maneira como Ruy Castro conduz a sua narrativa, com uma leve ironia, um fino humor, um certo despojamento e com comparações a situações literalmente cinematográficas. O autor constrói o seu texto da maneira como acha mais apropriada, afastando-se do modelo burocrático do Jornalismo Diário, o que caracteriza a liberdade de angulação proposta por Lima (2004).

Observe agora o seguinte trecho do objeto *Chega de Saudade*:

Na versão de Billy Blanco, a “Sinfonia do Rio de Janeiro” nasceu a bordo de um lotação, no verão de 1954, quando ele ia da praça Mauá para sua casa, em Ipanema. O ônibus fez a curva na av. Princesa Isabel e, quando tomou a av. Atlântida, a montanha, o sol e o mar de Copacabana se abriram de repente à sua frente, em cinemascope. [...] Billy entrou em êxtase e, em seguida, em pânico. Era um achado bom demais para se perder, e ele temia que, até chegar em casa, tivesse esquecido o que acabara de compor. [...] O lotação parou e ele saiu correndo em busca de um telefone. Não existiam orelhões em 1954 e, quando se queria telefonar da rua, era preciso apelar para um botequim. Entrou no primeiro que encontrou [...] e disse ao português que era uma emergência. O português acedeu de má vontade e Billy ligou para Tom Jobim: “Tom, escute isto: ‘Rio de Janeiro que eu sempre ei de amar/ Rio de Janeiro, a montanha, o sol e o mar’”. (CASTRO, 2013, p. 91-92)

Neste trecho da obra pode-se verificar a presença da liberdade de fontes, que de acordo com Lima (2004) permite ao Livro-Reportagem utilizar fontes menos óbvias, que marcam o jornalismo convencional. Aqui, para contar a história de um dos momentos da

pré- Bossa Nova, Ruy Castro buscou como fonte um personagem não tão óbvio e nem tão conhecido da Bossa Nova, o compositor Billy Blanco, pois quando se fala neste gênero musical as imagens que automaticamente vem a mente da maioria das pessoas são as de João Gilberto, Tom Jobim e Vinícius de Moraes. A música em questão foi a *Sinfonia do Rio de Janeiro*, escrita através de uma parceria entre Tom Jobim e Billy Blanco. O jornalista privilegiou a fonte menos conhecida, Blanco.

Outro tópico da categoria de extensão pela pauta que caracteriza o Livro-Reportagem é a liberdade temporal, que de acordo com Lima (2004) é responsável por resgatar algum tema distante no tempo, mas que continua tendo efeitos nos dias atuais. É o caso do tema do Livro-Reportagem analisado, a Bossa Nova, que mesmo já passados 60 anos de sua criação ainda continua reverberando no momento atual. Como exemplifica este trecho do livro, que narra a importância de um determinado disco até os dias atuais:

Canção do Amor Demais é o famoso LP que Elizeth Cardoso gravou em abril de 1958 para um selo não-comercial chamado Festa. No futuro, iriam festejá-lo como o disco que *inaugurou* a Bossa Nova, por ter sido todo dedicado às canções de uma nova dupla, Tom e Vinícius- e, principalmente, porque João Gilberto acompanhava Elizeth ao violão em duas faixas (“Chega de saudade” e “Outra vez”), fazendo pela primeira vez o que seria a “batida da Bossa Nova”. (CASTRO, 2013, p. 168)

Lima (2004) diz também que o Livro-Reportagem deve possuir liberdade do eixo de abordagem, o que significa dizer que o escritor pode mergulhar em diversas situações e questões, não ficando acorrentado a factualidade, construindo um roteiro amplo. Com este processo a intenção é encontrar a essência do tema. Observe o seguinte trecho da obra analisada:

Para as boas famílias dos anos 1950, cantar e tocar violão eram coisas associadas à boemia decadente da Lapa, às brigas de navalha entre malandros em botequins imundos, à cachaça, à pobreza e à prostituição. O passaporte para esse submundo, na visão dessas famílias, era o rádio, um lugar a se manter à distância de meninas bem-criadas, como, por exemplo, Sylvinha Telles. Mas, para outras famílias [...] cantar e tocar violão eram uma prática remanescente de antigos saraus elegantes, nos quais parentes e amigos reuniam-se [...] ao redor de licores e quitutes e de uma filha especialmente prendada, que os entretinha com suas próprias canções [...] como Maysa. E, para outras famílias ainda, cantar ou tocar violão, quando se era pago para isso, podia ser uma forma de escapar à pobreza- como aconteceu com Dolores Duran. (CASTRO, 2013, p. 96)

No trecho citado pode-se observar uma amostra da liberdade do eixo de abordagem ao mostrar a flexibilidade do tema ao esclarecer como era o contexto social de quem trabalhava música na década de 1950 e explicar as condições que levaram um determinado grupo de cantoras a ingressar na vida artística.

Por fim, todos esses tópicos reunidos forma a liberdade de propósito, que de acordo com Lima (2004) oferece uma avalanche de informações sobre determinado tema, como o seu contexto histórico, social, político, econômico e cultural. Sendo assim, a obra *Chega de Saudade*, de uma maneira geral, apresenta a liberdade de propósito, pois ao levantar a História da Bossa Nova, Ruy Castro engloba uma série de outros fatores, como o período histórico do momento da criação do gênero musical, as questões comportamentais das décadas de 1950 e 1960, lances políticos e fatores econômicos e culturais da época retratada.

4.5. A COMPLEMENTAÇÃO PELA CAPTAÇÃO

Um dos tópicos dessa categoria é a Entrevista de Compreensão, pois, segundo Lima (2004), o Livro-Reportagem evita a espetacularização das entrevistas, utilizando-as apenas como forma de compreender o tema de sua obra. Apesar de não reproduzir em seu livro o formato de entrevista mais comum, pergunta-resposta é perceptível que Ruy Castro utilizou esse artifício básico do jornalismo para a construção de sua obra literária, como se observa no seguinte trecho do objeto:

João Gilberto não tinha tempo para participar dessas folias de estudantes. Estava *on the road*, cuidando de sua carreira. Verdade. Na época de um daqueles shows, por exemplo, ele tinha ido fazer duas apresentações em Belo Horizonte, a convite de seu amigo Pacífico Mascarenhas. Na primeira delas, no Automóvel Clube, ele já havia sido chamado ao palco por Pacífico e estava sendo aplaudido, quando cismou com seu próprio violão e não deixou que abrissem a cortina. [...] Na noite seguinte, João Gilberto trancou-se no banheiro do hotel Normandie a duas horas do show no Iate Clube, e não queria sair. [...] Em cima da hora do show, João Gilberto abriu mansamente a porta do banheiro, foi para o clube e encantou as trezentas pessoas da platéia. [...] Naqueles dias em Belo Horizonte, ele foi capaz de outros encantos individuais. Um músico local, cego, foi procurá-lo no hotel e os dois ficaram algumas horas ao violão. (CASTRO, 2013, p. 229)

Outra característica do Livro-Reportagem, na ótica de Lima (2004), são as Histórias de Vida. Um recurso de captação que aparece na Grande Reportagem exclusivamente no formato clássico da entrevista, ou seja, a reprodução do diálogo. Com isso, essa característica não é observada na obra *Chega de Saudade*. Ruy Castro de fato se baseou em pesquisas para a produção do livro, entre as quais, entrevistas. Entretanto, ele não reproduz essas entrevistas na forma de diálogo.

Há ainda a chamada Observação Participante, ou seja, quando o escritor vive na própria pele o tema de abordagem de sua obra.

Outra característica do Livro-Reportagem se refere à Memória, que como o próprio nome já diz, busca resgatar, de maneira detalhada os fatores sociais do tema, e psicológicos dos personagens. Exemplo:

Já foi dito, mas as pessoas não se conformam: Tom e Vinícius *não* fizeram “Garota de Ipanema” no bar que se chamava Veloso e que depois se chamou Garota de Ipanema [...] Nunca foi do estilo da dupla escrever música em mesas de bares [...] Tom compôs meticulosamente a melodia em sua nova casa, ao piano [...] e seu destino seria uma comédia musical intitulada *Blimp*, que Vinícius já tinha toda na cabeça, mas que nunca levou ao papel.

Vinícius, por sua vez, escreveu a letra em Petrópolis, como havia feito com a de “Chega de saudade” [...] e ela lhe deu tranto trabalho quanto. Para começar, não nasceu se chamando “Garota de Ipanema”, e sim “Menina que passa”- e toda a sua primeira parte era diferente. [...] Quanto à famosa garota, é verdade que foi no Veloso, no inverno de 1962, que Tom e Vinícius a viram passar. Não uma, mas inúmeras vezes, e nem sempre a caminho do mar, mas a caminho também do colégio, da costureira e até do dentista. (CASTRO, 2013, p. 313-314)

Outra característica fundamental é a Documentação. Segundo Lima (2004) este tópico não se faz apenas com entrevistas, mas também, e principalmente, através de pesquisa documental e referências bibliográficas. Em *Chega de Saudade*, Ruy Castro utiliza a Documentação. Como no seguinte trecho:

Enquanto isso, no Brasil...

“Nara canta muito mal, mas fala muito bem”, disse Elis Regina. “Está sempre nos jornais, desmentindo alguma coisa que disse na véspera. E traiu cada movimento a que adieriu: Bossa Nova, samba de morro, canção de protesto e iê-iê-iê.”

Nara Leão também não tinha sua rival em ótima conta:

“Elis é uma mulher pueril, agressiva e desequilibrada”, ela declarou.

Era a guerra das estrelas em 1966. Mas parecia uma briga de comadres. Poucos minutos antes dessas declarações, as duas haviam posado juntas e sorridentes para a reportagem de *Manchete*, que perguntara separadamente a cada uma o que achava da outra. (CASTRO, 2013, p. 401)

Neste trecho da obra é evidente que o seu autor buscou estas falas das cantoras Elis Regina e Nara Leão em alguma fonte bibliográfica, como jornais ou revistas. O próprio Ruy Castro admite nos agradecimentos que utilizou vastas pesquisas documentais e bibliográficas para escrever a sua obra.

A captação de um Livro-Reportagem é finalizada pela capacidade de oferecer o que Lima (2004) define como “visão pluridimensional da realidade”. O que significa dizer que o Livro-Reportagem tem o poder de observar a realidade a partir de uma dimensão ampliada, como se o escritor estivesse presente na ação do seu livro. Em diversos momentos de *Chega de Saudade*, o leitor tem a impressão que Ruy Castro estava realmente presente nos momentos narrados em sua obra, como uma testemunha ocular. É o que se observa no trecho a seguir:

No palco do Opera House de Chicago, em 1968, a minissaia de Karen Philip, uma das duas vocalistas americanas do Brasil 77, de Sérgio Mendes, quase fazia a platéia esquecer que ela era afinada e competente. A de Lani Hall, a outra voz feminina, idem. Depois do show, o grupo recebeu nos camarins uma importante visita: a do senador Bob Kennedy. Ele ficara tão impressionado com o som do Brasil 77 [...] que resolvera ir aos camarins para conhecer Karen Philip. Era difícil resistir a Kennedy, mas Karen segurou-se: ela sabia que era perigoso andar em sua companhia. Você sabe como são esses atentados: podem sobrar balas para quem estiver perto do alvo. (CASTRO, 2013, p. 398)

4.6. A FRUIÇÃO PELO TEXTO

Ainda de acordo com Lima (2004) outras características da estrutura do Livro-Reportagem são as que dizem respeito a fruição pelo texto. Caso da narração, descrição, exposição, funções de linguagem, técnicas de angulação, ponto de vista e técnicas de edição. Esses tópicos reunidos contribuem para o melhor desenvolvimento da reportagem em livro.

No objeto *Chega de Saudade* a narração do texto é construída a partir de pesquisas e relatos das personalidades que participaram direta ou indiretamente do tema abordado pelo livro. Ruy Castro constrói uma narrativa impregnada de emoção, principalmente valendo-se de bom-humor, ironias e comparações. Mas sempre de forma clara e precisa. Essa narração pode ser observada no seguinte trecho do livro:

Segundo uma história que vive sendo repetida, Vinícius de Moraes entrou na boate Arpège, no Leme, em 1962, para prestigiar seu amigo Tom Jobim [...] e saiu de lá com seu futuro parceiro: um rapaz que tocava guitarra no conjunto de dança, chamado Baden Powell. Vinícius, que nunca tinha ouvido Baden, entusiasmou-se com o que ele estava tocando [...]. Procurou-o depois do show e convidou-o à queima-roupa para ser seu parceiro, começando naquela própria noite... Não se sabe como essa história começou, mas é uma daquelas típicas lendas da Bossa Nova, que tentam fazer tudo parecer muito casual, para pintar os seus protagonistas como rapazes tímidos e assustados. (CASTRO, 2013, p. 302)

Em um Livro-Reportagem História, como *Chega de Saudade*, a descrição é um dos mais fundamentais pilares na construção do discurso jornalístico. De acordo com Lima (2004) a descrição em uma Grande Reportagem deve descrever com o máximo de detalhes possível informações que caracterizem o físico do personagem, o local onde ocorre a história e o seu contexto social, cultural e histórico. No objeto de análise a descrição é observada em diversas passagens da obra. Como no seguinte trecho que descreve a terra-natal do compositor João Gilberto, Juazeiro, no estado da Bahia:

Em 1948, Juazeiro era uma cidade de 10 mil habitantes, entre os quais um garoto de dezessete anos que todos chamavam de Joãozinho da Patu. Jorge Amado foi lírico ao descrever o lugar em seu romance *Seara vermelha*, mas a vida real ali era um desconsolo. Poucas de suas ruas eram calçadas e todas as casas possuíam chão de tijolos, que os cidadãos tinham de molhar dia sim, dia não, para refrescar o corpo e a alma. O calor era dantesco e não conseguia ser amenizado nem pelo vento que varria Juazeiro em redemunhos. Quando ventava era pior, porque fazia com que as pessoas literalmente mastigassem poeira. Os milhões de litros do rio São Francisco correndo na sua porta não livravam a cidade de ser um areal, em que até os cactos suavavam para vingar. O São Francisco era cruel. Costumava encher sem aviso prévio, mesmo que não chovesse, e, entre outras vilanias (piranhas, por exemplo), alagava apenas as zonas pobres- tendo cautela de poupar a praça da Matriz, um dos poucos lugares arborizados de Juazeiro e que os “ricos” preferiam para morar. (CASTRO, 2013, p. 11)

Lima (2004) diz que as funções da linguagem devem estar presentes na construção do Livro-Reportagem. A linguagem referencial, expressiva, conativa, fática, poética e metalinguística devem estar juntas, com o propósito de enriquecer o texto e fisgar o leitor para o enredo. A função da linguagem é identificada no objeto no seguinte trecho, que mistura as linguagens expressivas e conativas. Expressiva porque mostra que o seu autor compreende muito bem o tema de sua narrativa. Já a linguagem conativa acontece quando o autor tenta convencer o leitor da sua ideia. Veja:

Os conservadores resmungavam que a bombástica banda de Kenton não suingava- o que era uma injustiça, porque ela suingava muito mais do que Stravinsky, embora não tanto quanto Count Basie. Além disso, Kenton e seus fãs não estavam a fim de bailes. Stan conquistara um público de jovens *diferentes*, embora muito parecidos entre si, fossem brasileiros, cubanos ou americanos. Eles eram alucinados pelas suas ousadas harmônicas e pelo autêntico balaio de ritmos que ele fazia caber nos velocíssimos três minutos de cada gravação. Kenton parecia uma variação particular de Midas: tudo que tocava virava Kenton aos ouvidos de seus devotos. (CASTRO, 2013, p. 39-40)

As técnicas de angulação também são indispensáveis na construção do Livro-Reportagem. Lima (2004) diz que essas técnicas têm a função de possibilitar ao enredo a descrição de pessoas, ambientes e objetos, além da descoberta do aspecto mais original e interessante da informação. Como no seguinte trecho da obra, que narra a preocupação do cantor João Gilberto com o seu alcance vocal:

“Ronaldo, veja se você me ouve: ‘*O pa-to. O pa-to*’.”

João Gilberto deixava aberta a porta do apartamento de Ronaldo Bôscoli e ia para o outro extremo do corredor, onde ficava o elevador. Ronaldo tinha de se colocar no extremo oposto, dentro do apartamento, para ficar o mais distante possível de João Gilberto e tentar ouvi-lo, enquanto este sussurrava o mais baixo que podia:

“*O pa-to. O pa-to.*”

João Gilberto queria testar até quanto poderia enunciar bem baixinho e ainda assim ser ouvido, usando o corredor como uma espécie de megafone. (CASTRO, 2013, p. 242)

Lima (2004) diz ainda que, ao contrário de um texto jornalístico convencional, a narrativa de um Livro-Reportagem pode apresentar o ponto de vista do seu autor, como no

chamado onisciente intruso, que se dá quando o narrador expõe comentários na narrativa. Além de oferecer um enredo construído na primeira ou terceira pessoa. O ponto de vista de Ruy Castro em sua obra pode ser percebido em toda a produção da Grande Reportagem. Como, por exemplo, neste trecho:

Com o renascimento nos últimos anos do interesse pela Bossa Nova, as pessoas quiseram saber quem foi Newton Mendonça [...] Como poucos de seus contemporâneos podem responder a essas perguntas- e nem todos têm paciência para prestar informações-, fantasiou-se até sobre a possível existência de uma cortina de silêncio ao seu redor... Para piorar as coisas, teóricos consagrados, mas preguiçosos como investigadores, *radiografaram* as ousadias formais de “Desafinado” e “Samba de uma nota só”, e pensaram estar fazendo um grande favor a Newton Mendonça [...] Deram de barato que, se Tom fazia as músicas, Mendonça fazia as letras e, com isso, pincelaram um verniz acadêmico a curiosa campanha que, não é de hoje, tenta isolar Mendonça como letrista. Nunca ocorreu a esses teóricos que, por mais improvável, poderia até ter sido ao contrário... (CASTRO, 2013, p. 251-252)

Outra característica importante do Livro-Reportagem é a exposição dos fatos. Sodré e Ferrari (1977, apud, LIMA, 2004, p. 153) dizem que a exposição é a “apresentação de um fato e suas consequências, com a análise das causas e efeitos, de maneira muito pessoal, ou não.” A exposição é localizada no objeto no seguinte trecho:

Resmas de fantasias têm sido escritas sobre o Sinatra-Farney Fan Club, principalmente depois que se descobriu que ele foi uma espécie de manjedoura de muitos nomes que futuramente fariam a Bossa Nova. Por causa dessas fantasias, leitores inocentes já foram levados a acreditar que se tratava de um clube noturno, onde as pessoas iam ouvir talentos imberbes que logo ficariam famosos em várias especialidades- Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Luiz Bonfá, Billy Blanco, Jô Soares, Johnny Alf, João Donato, Paulo Moura, o pianista Raul Mascarenhas, [...] o violinista Fafá Lemos, a dupla de compositores Klécio Caldas e Armando Cavalcanti, os cantores Nora Ney, Doris Monteiro e Mirzo Barroso, o ator Cyl Farney e o diretor de televisão Carlos Manga. (CASTRO, 2013, p. 28)

O último recurso para a fruição do texto exposto por Lima (2004) é a técnica de edição. De acordo com o comunicólogo são as técnicas de edição que determinam a fluência da narrativa e a eficiência da mensagem passada pelo livro. *Chega de Saudade* é construído através da ordem cronológica dos fatos. Talvez esta tenha sido a maneira que Ruy Castro encontrou para contextualizar e otimizar os acontecimentos narrativos da sua

reportagem em livro. Por isso serão exemplificados o primeiro e o último trecho do livro. O objeto é aberto com uma característica peculiar da cidade de origem de João Gilberto em 1948:

O auto-falante pendurado num dos postes da rua do Apolo, em Juazeiro, Bahia, tocava “Naná”, com Orlando Silva, pelo menos três vezes por dia. A folhinha dizia 1948, e “Naná”, um fox-blue de Custódio Mesquita e Geysa Bôscoli, era um velho sucesso de 1940. Mas *seu* Emicles, o dono da amplificadora, não estava preocupado em tocar as últimas novidades. Em seus auto-falantes ele tocava as músicas que gostava de ouvir [...] Felizmente o gosto de *seu* Emicles era amplo e variado como um arco-íris. (CASTRO, 2013, p. 9)

Já o trecho final do livro, passado 20 anos depois da citação acima, diz o seguinte:

Sinatra estava cantando baixinho, como a Bossa Nova exigia. Tão baixo que não podia ser ouvido fora das paredes daquele estúdio. Enquanto isso, na rua, em Ipanema, no Rio, no resto do Brasil, os sons eram outros: uma babel de protestos durante os festivais, brigas por primeiros lugares e por altos prêmios em dinheiro, vaias e violões voando sobre auditórios, pouca música e muita discussão.

A Bossa Nova, sentindo-se fora de casa, pegou seu banquinho e seu violão, e saiu de mansinho.

Felizmente tinha para onde ir: o mundo. (CASTRO, 2013, p. 419)

Aqui chega ao fim a análise de conteúdo do Livro-Reportagem *Chega de Saudade*, de Ruy Castro. Uma análise que se revelou proveitosa, pois os conceitos explanados pelos autores Felipe Pena (2006) e Edvaldo Pereira Lima (2004) foram plenamente utilizados durante este trabalho.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho foi analisar os elementos do Jornalismo Literário e do Livro-Reportagem presentes na obra *Chega de Saudade- A História e as Histórias da Bossa Nova*, de Ruy Castro. Com esta pesquisa pretendia-se contribuir para os estudos do Jornalismo Literário.

O trabalho conseguiu responder as indagações das questões norteadoras, como de que forma os conceitos da Estrela Sete Pontas foram aplicados no livro, qual o tipo de Livro-Reportagem foi a obra analisada, quais as características do Livro-Reportagem presentes no objeto e como ocorre o desenvolvimento narrativo de Ruy Castro.

Antes de se iniciar a análise do objeto, fez-se necessário apresentar um pouco da história e dos conceitos de Jornalismo Literário e Livro-Reportagem, pois conhecendo as características desses dois tópicos a análise poderia ser realizada com mais estofo e embasamento. Também foi necessário apresentar um breve histórico da obra e vida do escritor e jornalista Ruy Castro, visando entender mais sobre o seu estilo literário e entender o contexto de criação de sua obra analisada, *Chega de Saudade*.

Para isso foi realizada uma ampla pesquisa bibliográfica, com o objetivo de apresentar o conteúdo do trabalho da maneira mais sólida possível. Como fontes de pesquisa foram utilizados livros que debatem os tópicos abordados na pesquisa, artigos científicos e monografias que estivessem em concordância com a proposta deste trabalho.

A análise de conteúdo, e sua divisão em categorias, feita na reta final deste trabalho também foi de vital importância para o seu desenvolvimento, pois ajudou a organizar os pontos que deveriam ser analisados, trazendo fluidez à análise do objeto e garantindo que os objetivos fossem alcançados.

Por fim, acredita-se que a presente pesquisa conseguiu contribuir um pouco mais para os estudos do Jornalismo Literário e seus derivados, chegando-se a conclusão que a obra *Chega de Saudade*, apresenta todos os elementos que caracterizam o Jornalismo Literário e o Livro-Reportagem, desde a Estrela de Sete Pontas até as técnicas de narrativas propostas por Lima (2004) que contribuem para uma melhor fruição do texto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALLERINI, Franthiesco. **Jornalismo cultural no século 21**: literatura, artes visuais, teatro, cinema e música: as novas plataformas, o ensaio e as tendências na prática. São Paulo: Summus, 2015.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

CASTRO, Gustavo e GALENO, Alex (Org). **Jornalismo e literatura**: a sedução da palavra. 2.ed. São Paulo: Escrituras, 2005.

CASTRO, Ruy. **Chega de saudade**- as histórias e as histórias da bossa nova. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4. ed. São Paulo: Manole, 2004.

MELO, José Marques de (Org). **Gêneros jornalísticos**: teoria e praxis. Blumenau: Edifurb, 2012.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

ABIAHY, Ana Carolina de Araújo. **O jornalismo especializado na sociedade de informação**, 2000. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/abiahya-ana-jornalismo-especializado.pdf>. Acesso em: 15/04/2018.

LIMA, Raphaella Gomes de. **O new journalism**: análise do padrão das produções do gênero jornalístico, 2016. Disponível em: <http://www.ufjf.br/facom/files/2016/06/TCC-Raphaella-Gomes-de-Lima-New-Journalism.pdf>. Acesso em: 01/05/2018.

SANTOS, José Milton. **A estética no jornalismo literário**, 2016. Disponível em:

http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Comunicacao_SantosJM_1.pdf. Acesso em: 15/05/2018.

TAVARES, Frederico de Mello. **O jornalismo especializado e a especialização periodística**, 2009. Disponível em: <http://www.ec.ubi.pt/ec/05/pdf/06-tavares-acontecimento.pdf>. Acesso em: 01/05/2018.

Ruy Castro. **Entrevista**. Rio de Janeiro: TV Câmara, 19 de junho de 2015. Programa de TV.

<http://www.louzeiro.com.br/bio.html>. Acesso em: 10/05/2018.

ANEXOS

UNIVERSIDADE TIRADENTES

**DIEGO NUNES DOS SANTOS
LUIZ VIEIRA DOS SANTOS NETO**

Analisar os elementos do Jornalismo Literário presentes no Livro-Reportagem *Chega de Saudade- A História e as Histórias da Bossa Nova*, de Ruy Castro

Aracaju - SE 2017

DIEGO NUNES DOS SANTOS
LUIZ VIEIRA DOS SANTOS NETO

Analisar os elementos do Jornalismo Literário presentes no Livro-Reportagem *Chega de Saudade- A História e as Histórias da Bossa Nova*, de Ruy Castro

Pré-Projeto de Pesquisa apresentado à Universidade Tiradentes como um dos pré-requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo.

ORIENTADORA
Profa. Dra. Andréa Karla Ferreira Nunes

Aracaju – SE 2017

- - **TEMA**

Jornalismo Literário

- **Delimitação do tema:**

Analisar os elementos do Jornalismo Literário presentes no Livro-Reportagem *Chega de Saudade- A História e as Histórias da Bossa Nova*, de Ruy Castro.

- **Problema:**

De que forma os elementos do Jornalismo Literário foram aplicados no objeto de estudo?

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
OBJETIVOS DA PESQUISA	9
QUESTÕES NORTEADORAS	10
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	25
CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO DA PESQUISA.....	27
REFERÊNCIAS	28

INTRODUÇÃO

O jornalismo surgiu durante o Império Romano, mais precisamente durante o governo de Júlio César, a partir de seu desejo de divulgar os feitos políticos e sociais do império, como campanhas militares e conquistas territoriais. Essa explicação para o surgimento do jornalismo vem de Romancini e Lago (2007), que ainda afirmam que depois de sua criação o jornalismo passou a trilhar o seu caminho, expandindo-se para outros países, até que em 1447 a invenção da Prensa de Gutenberg, pelo alemão Johannes Gutenberg, provocou uma revolução no periodismo, pois extinguiu a escrita a mão de jornais, livros e folhetos, possibilitando a sua impressão em massa.

Ainda segundo Romancini e Lago (2007), no Brasil o jornalismo nasceu apenas em 1808, quando a corte portuguesa desembarcou na mais rica de suas colônias. Datam dessa época jornais como A Gazeta do Rio de Janeiro e o Correio Braziliense, considerados pela História como os primeiros periódicos do Brasil.

De acordo com as concepções explanadas por Pinto (2009) o jornalismo é um texto que busca passar uma determinada informação de maneira crítica, direta, objetiva e pragmática, com o mínimo possível de adjetivações e sem deixar transparecer a opinião pessoal de seu autor. O texto jornalístico é subjugado pelo chamado *lead*, uma regra que determina que já no primeiro parágrafo sejam respondidas as seguintes questões: o quê, quem, quando, onde, como e por que.

O gênero jornalístico pode ser subdividido em diversos outros gêneros, como policial, político, esportivo, cultural e literário. Este é o de maior importância para o presente trabalho, que pretende analisá-lo a partir da perspectiva de Felipe Pena (2006) que define o Jornalismo Literário como um gênero que, como sugere o nome, une jornalismo e literatura, com a intenção de obter profundidade de fatos, perenidade, visões mais amplas da realidade, desprezando o *lead* e a "frieza" do jornalismo tradicional.

Uma das vertentes do Jornalismo Literário é o Livro-Reportagem, que segundo

Lima (1993) é uma obra que destrincha determinado assunto, de maneira profunda e detalhada, rompendo com os padrões tradicionais do jornalismo diário, como o apego ao factual, e tendo como meta a perenidade.

A intenção deste trabalho é contribuir para os estudos do Jornalismo Literário, uma vez

que este gênero ainda causa certa polêmica no universo jornalístico, devido a sua estrutura pouca convencional, como a percepção pessoal de quem o escreve, a presença de uma linguagem literária e o desprezo ao *lead*.

Para isso iremos analisar os elementos do Jornalismo Literário e da própria literatura presentes na obra *Chega de Saudade- As Histórias e as Histórias da Bossa Nova*, livro-reportagem do escritor e jornalista Ruy Castro, publicado em 1990 pela editora Companhia das Letras.

Para atingir esse objetivo será realizado um estudo de caso da obra citada no parágrafo anterior. Através de uma pesquisa qualitativa iremos partir de referências bibliográficas para identificar e analisar as características e teorias do Jornalismo Literário presentes na obra, como profundidade dos fatos, pesquisa exaustiva e amplitude da realidade. Será levantada também a Estrela de Sete Pontas, conceito formulado pelo escritor, jornalista e professor de Comunicação da Universidade Federal Fluminense Felipe Pena em seu livro, *Jornalismo Literário*, lançado em 2006 pela Editora Contexto.

A Estrela de Sete Pontas é um conjunto de sete temas que visa oferecer suporte ao jornalismo literário, facilitando a sua identificação e compreensão. A primeira ponta da estrela diz que é preciso potencializar os recursos do jornalismo, a segunda ponta afirma que é necessário ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano. A terceira ponta alerta para a necessidade de possuir uma visão ampla da realidade.

Seguem-se as outras pontas da estrela, como a importância de exercitar a cidadania, se libertar das amarras do *lead*, evitar os definidores primários, ou seja, as fontes oficiais, e por fim, fechando a Estrela de Sete Pontas o texto deve apresentar perenidade.

Durante a pesquisa será abordada a história do Jornalismo Literário, para que possamos compreender a sua função e o seu contexto, desde sua formulação na década

de 1960 nos Estados Unidos, sob a nomenclatura de Novo Jornalismo e tendo como referência autores como Truman Capote e Gay Talese, até a sua chegada ao Brasil, em fins da mesma década através de publicações como as revistas *Realidade* e *O Pasquim*.

Para atingirmos o nosso objetivo o presente trabalho deve também lançar mão das teorias e conceitos do Jornalismo Diário a fim de efetuar um comparativo entre os dois gêneros jornalísticos e posteriormente perceber como se deu a interação entre o Jornalismo Tradicional e o Novo Jornalismo na estrutura do objeto analisado. Para tal intento serão utilizados como referência autores como Ana Estela de Sousa Pinto (2009) e Marcelo Bulhões (2007).

Durante o projeto se fará necessária à identificação do tipo de livro-reportagem que caracteriza o objeto de estudo. Pois segundo o estudioso de Comunicação Social, Edvaldo Pereira Lima (2004) o Livro-Reportagem pode ser dividido em categorias como perfil, documento e história, entre outros.

Estes aspectos serão abordados na tentativa de estipular a tênue linha que separa o jornalismo da literatura, através de um fenômeno tão controverso e relativamente recente como o jornalismo literário, um gênero que se permite recontar acontecimentos reais valendo-se dos princípios de apuração e pesquisa do jornalismo, mas sem a "frieza" do mesmo, utilizando uma linguagem e uma estrutura narrativa comum a literatura.

O presente trabalho será guiado pelo propósito de descobrir se há elementos do Jornalismo Literário na obra *Chega de Saudade*. Para isso serão utilizados os conceitos e teorias citados ao longo desta introdução. Além disso, a presente pesquisa buscará responder a questionamentos como qual a fronteira entre o jornalismo e a literatura, quais os possíveis atrativos do objeto analisado e como o seu autor constrói o desenvolvimento narrativo da obra.

Para a realização do trabalho tomaremos como ponto de partida o livro-reportagem *Chega de Saudade- As Histórias e as Histórias da Bossa Nova*, escrito pelo jornalista Ruy Castro e lançado em 1990.

O livro em questão é uma Grande Reportagem sobre a Bossa Nova, movimento musical brasileiro surgido na cidade do Rio de Janeiro em 1958. O conteúdo do livro

busca levantar a história do gênero musical, desde seus antecedentes, passando pela sua fundação, seu apogeu até chegar ao presente (1990). À medida que vai destrinchando a história da Bossa Nova o seu autor vai contextualizando o movimento com o momento cultural, político e social que o Brasil estava vivendo naquele período.

OBJETIVOS DA PESQUISA

- Objetivo Geral

ANALISAR AS CARACTERÍSTICAS DA ESTRELA DE SETE PONTAS
FORMULADA POR FELIPE PENA

- Objetivos Específicos
- Discutir o que é Jornalismo Literário, seu percurso histórico e a sua importância para o meio jornalístico.
- Abordar o que é a Estrela de Sete Pontas utilizando o conceito de Felipe Pena.
- Abordar o que é Livro-Reportagem, suas características e o que o diferencia da reportagem tradicional.
- Descrever o livro *Chega de Saudade* e realizar uma análise de conteúdo visando destacar as características da Estrela de Sete Pontas e do Livro-Reportagem na obra *Chega de Saudade*.

QUESTÕES NORTEADORAS

- De que forma a relação factual trabalhada é observada em seu caráter extensivo e intensivo na reportagem?
- Como o jornalismo contribui enquanto mediador para a disseminação do sistema artístico-cultural?
- De que forma Ruy Castro utiliza os conceitos do Jornalismo Literário e do Livro-Reportagem na construção narrativa de sua obra?

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

- JORNALISMO

O jornalismo é no mundo uma atividade profissional que busca o conhecimento de dados para a publicação de informações. Nele define-se também o ato prático de redigir, coletar e editar informações de diferentes eventos.

A caracterização do jornalismo está voltada a ideia do atual ter novos desdobramentos ou mudanças a cada instante. Com ele, desde as sociedades humanas o homem sempre teve a necessidade de transmitir o fato ou informações que havia lhe acontecendo com o passar dos dias. O jornalismo é um dos elementos mais importantes da área de comunicação, pois eles investigam, publicam e comentam sobre os diversos assuntos que interessam a sociedade. A cada dia o mesmo vem passando por grandes mudanças devido às novas tecnologias.

Em seu conhecimento inicial, a sua história se constrói diante de fatores históricos. Através desse contexto a invenção da imprensa teve uma participação como agente histórico marcante na sociedade, onde os produtos voltados à mídia são dados como elementos sociais, culturais, econômico, mercadológicos e políticos.

De acordo com Araújo (2007) a história da imprensa teve seu início na idade moderna, tendo como o marco a criação do papel pelos chineses no século I. Até hoje essa história é um assunto discutido por sociólogos, pesquisadores, jornalistas e historiadores.

No âmbito do jornalismo específico, para o qual esse é direcionado, os pesquisadores Briges e Buke (2002) defendem em sua teoria que a imprensa era uma atividade já desenvolvida desde o século VIII pelos chineses e japoneses utilizando-se técnicas denominadas por eles de “impressão em bloco” que consiste na utilização de blocos de madeiras entalhadas para imprimir a página.

Após a criação dos novos meios de comunicação como: telefone, rádio, telégrafo e TV, a imprensa alcançou seu maior desenvolvimento.

Para Araújo (2007), com a criação do telégrafo em 1844 por Charles Weaststone e Samuel Morse em transmitir a primeira mensagem pública. Em 1876, Gram Bell realizou a transmissão a primeira mensagem telefônica por fio. Logo após, Marconi e Poroff em 1895 conseguiram fazer a transmissão e receber informações sem o uso do fio. Diante dessas conquistas as notícias tiveram

sucesso e passaram a serem publicadas com mais praticidade e agilidade, o que deu início a um processo de mudança no jornalismo.

De acordo com Romancini (2007), em 1808 um passo inicial para o surgimento da Imprensa no Brasil foi a chegada da Corte Portuguesa no país. Nesse tempo o Correio Brasiliense tinha seus serviços de impressão realizados na Inglaterra.

A vinda da família real para o Brasil trouxe melhoria em vários aspectos. Assim como eles tinham tudo de melhor no seu país, eles trouxeram em sua bagagem a comodidade e modernidade para eles no Brasil. Criaram a famosa imprensa Régia, que atuou 14 anos apresentando em sua característica principal a censura do governo que estava atento para que nada fosse publicado contra a religião e a ele mesmo.

Tanto a imprensa quanto o jornalismo no Brasil, ambos surgiram tarde, foram 14 anos antes da separação entre Brasil e Portugal.

Melo (1973 apud ROMANCINI, 2007, p. 19) relata que alguns fatores responsáveis pelo atraso da execução foram: a natureza feitorial; o atraso da população indígena, que impedia desenvolvimento interno; a predominância do analfabetismo; a precária burocracia estatal; a falta da urbanização, entre outros.

O primeiro veículo de comunicação impresso no Brasil foi a Gazeta do Rio de Janeiro, com a primeira edição, em 10 de setembro de 1808 pela tipografia Impressão Régia. Nele o rei Tibúrcio Rocha era redator, onde Romancini (2007, p. 23) afirma: “ Inicialmente este primeiro jornal impresso era semanal, tomando-se, com o tempo, trissemanal. Várias edições extraordinárias também foram publicadas, geralmente registrando, com atraso de meses, notícias estrangeiras”.

Segundo Romancini (2007), no início do jornalismo brasileiro, a Gazeta do Rio de Janeiro (modelo de jornalismo ‘áulico’) se baseava em um tipo de jornalismo próximo da corte, como muitos chamam “bajuladores” e “chapa branca“, que tudo

tratado ali seria em benefício a corte portuguesa.

Já o Correio Braziliense mesmo estando de acordo aos princípios liberais, ao fim do trabalho escravo e a liberação da opinião, eles não defendiam a independência do Brasil. Com isso fica claro, que desde o início da prática jornalística, já existia a utilização da imprensa como o Quarto Poder. Mesmo com os opositores aos governantes da época o governo utilizava esse meio para convencer a população das suas feitorias.

Para Araújo (2007), o Jornal a Gazeta do Rio de Janeiro era um meio de comunicação da imprensa oficial, com características de curta periodicidade, preço baixo e com poucas folhas. Foi um jornal de idas e vindas: a Gazeta foi criada em 10 de setembro, no ano de 1808 encerrou em dezembro de 1821. No início do ano seguinte voltou a circular com o nome de Diário do Governo. Entre 1824 a 1831 como Diário Fluminense. Já em 1833 atuou como Correio Oficial, sendo que entre 1840 a 1846 mais uma vez ficou sem circulação. Retomou as suas atividades em novembro de 1889 a 1991 com o nome de Diário Oficial da Republica dos Estados Unidos do Brasil, após um ano ele passou a se chamar Diário Oficial onde continua funcionando até hoje e começou a ser impresso a partir de 22 abril de 1960 em Brasília.

Ballerini (2015) em sua teoria diz a que os serviços de impressão do jornal Correio Brasiliense era realizada em Londres, com a intenção de driblar a censura do Brasil onde chegavam de forma clandestina, sem conhecimento da corte portuguesa. Assim, é possível notar que a imprensa faz o seu uso para reivindicar e exigir direitos, onde divulgaria informações reais, sem mudanças no contexto.

De acordo com Araújo (2007), a imprensa colonial precisaria passar por três tipos de censuras: episcopal, da inquisição e a Régia. Algumas dessas determinavam o momento e o que deveria ser impresso. Ou seja, antes de serem publicadas, as impressões tinham que passar por desembargadores. Sem dúvida esse seria o motivo que o Correio Brasiliense tivesse sua produção fora do país. Mesmo assim com a grande influência do jornal da Imprensa Colonial, em 1809, houve uma determinação da corte que notícias, anúncios e outros informes só teriam publicações mediante a autorização policial.

O Correio Brasiliense era constituído por 29 volumes com 95 a 150 páginas,

nas composições: política, literatura, comércio e correspondências. Uma das suas características que chamavam atenção era que o jornal não apontava de quem era a matéria e o editor-chefe.

De acordo com Araújo (2007), no dia 27 de março, de 1809, a corte proibiu a circulação do jornal impresso no exterior, onde existiam críticas aos governos brasileiros. Suas publicações foram proibidas no Brasil em setembro de 1811 pela determinação de Rodrigo de Sousa Coutinho. Mesmo sendo proibido o *Brasiliense* continuou publicando de forma proibida, mais encerrou suas atividades em dezembro de 1822.

Conforme Romancini (2007) afirma, outro marco histórico foi quando o governador do Brasil, José Sarney em 1990 no século XX, foi responsável pela liberdade de imprensa. Essa

ampliação que o governo teve com os meios de comunicação não trouxe apenas benefícios, mas sérios problemas que uma imprensa pode enfrentar. No trecho abaixo o autor mostrar o problema:

Apesar do aumento da liberdade de imprensa, nem sempre a atividade jornalística pautou-se por princípios que aumentassem a credibilidade do setor. Diversos críticos têm apontado questões de fundo a serem enfrentadas, como a complacência com grupos econômicos, o apoio a determinadas propostas políticas em detrimento de outras e o baixo índice investigativo (ROMANCINI, 2007, p. 170).

O autor acima quis dizer em suas palavras, que o governo do presidente Sarney, através de sua iniciativa de liberdade de imprensa com o veículo de comunicação da época, queria em troca a divulgação de notícias que lhe beneficiaria.

- **JORNALISMO DIÁRIO**

O Jornalismo Diário possui diversas características, visando levar qualidade, seriedade e imparcialidade ao texto informativo. Uma das normas mais características desse tipo de jornalismo é a presença do *lead*, uma regra considerada por grande parte dos jornalistas como uma camisa de força, pois implica em responder já no primeiro

parágrafo do texto as seguintes questões: o quê, quem, quando, onde, como e por que.

Segundo Pinto (2009) além do *lead* o Jornalismo Diário deve também se sujeitar ao Manual de Redação, uma espécie de guia que cada veículo de comunicação formula, e que tratam de temas como técnicas jornalísticas e formas de escrever. Seu principal objetivo é evitar erros.

Nenhum manual de Redação será contra textos que informem muito e com qualidade. O que eles costumam condenar são imprecisões, adjetivações, raciocínios tortuosos. E é mesmo necessário condenar, não porque o texto precise ser “burocrático”, mas porque ele deve informar- e muita invencionice apelidada de criatividade é, na verdade, só um monte de palavras que não querem dizer nada. (PINTO, 2009, p. 53)

A autora ainda frisa que o Manual de Redação deve estar interligado ao Projeto Editorial da empresa, que engloba tópicos que caracterizam a ideologia do veículo, como linha política estabelecida, apoio a partido político, assunto que não pode ser abordado sem consultar os superiores, liberdade do jornalista para fazer críticas, como são tratadas as empresas e se há diferenças se elas forem anunciantes, o público principal do veículo, os assuntos prioritários e as principais preocupações em relação à linguagem adotada.

A estrutura do texto no Jornalismo Diário é guiada pela pauta, ou seja, um projeto de cobertura, uma proposta de reportagem que serve como roteiro para o desenvolvimento da matéria jornalística. Na pauta deverão constar as fontes a serem entrevistadas, a angulação do texto, o que se pretende abordar especificamente, a temática da matéria e a orientação de se haverá elementos narrativos além do texto, como fotografias e infográficos.

Para Pinto (2009) a pauta deve exercitar várias competências do jornalismo, como descobrir o que é notícia, hierarquizar a informação, prever etapas de apuração e antecipar a edição do material, como imaginar o título que terá.

Ainda de acordo com a autora, para fazer Jornalismo Diário é preciso que o profissional da área fique atento a certos critérios que definem a importância de uma notícia. Esses critérios são respectivamente:

- Ineditismo: uma informação inédita é mais importante do que uma já publicada;
- Improbabilidade: a notícia menos provável é mais importante do que a

esperada;

- Utilidade: quanto mais pessoas puderem ter sua vida afetada pela notícia, mais importante ela é;

- Apelo: quanto maior a curiosidade que a notícia puder despertar, mais importante ela é;

- Empatia: quanto mais pessoas puderem se identificar com o personagem e a situação da notícia, mais importante ela é;

- Conflito: Guerras, conflitos entre pessoas, disputas políticas costumam despertar a atenção do público;

- Proeminência: notícias sobre pessoas famosas têm mais impacto;

- Oportunidade: o momento da publicação faz diferença. Publicar uma informação importante antes que se concretize é mais jornalístico do que publicá-la depois.

Os conceitos do Jornalismo Diário dividem os acontecimentos em dois blocos. Fatos de interesse geral e acontecimentos que provocam comoção pública. Segundo Pinto (2009) esses blocos se ramificam em determinadas especificações:

O primeiro bloco gera o Incontestável Interesse Geral, que pode modificar as estruturas políticas, econômicas e culturais de uma população. Há ainda a Grande Utilidade Pública, o que significa que afeta fundamentalmente a vida cotidiana dos leitores.

O segundo bloco são as notícias que causam comoção pública, como a queda de um avião ou a final de uma Copa Mundial de Futebol. As relações entre instituições e seus integrantes e, por fim, as análises originais que reúnem numa mesma interpretação acontecimentos diversos ou distantes entre si.

Outra característica marcante no Jornalismo Diário é a pirâmide invertida, ou seja, a técnica de construir o texto baseado na importância das informações.

Na pirâmide invertida, o texto começa com o que é mais relevante e termina com o menos importante. A ideia é que, se o leitor não puder ou não quiser ler até o fim, terá obtido o que é fundamental no início. (PINTO, 2009, p. 200)

Mesmo admitindo que a pirâmide invertida não seja a única maneira de

escrever e nem sempre a melhor, Pinto defende a tese de que esta fórmula é importante por trazer a hierarquização das informações, organização e objetividade nos textos jornalísticos.

No Jornalismo Tradicional o texto é caracterizado pelo uso de verbos neutros, como declarar, responder e relatar. Mas isso não é o suficiente para identificá-lo como Jornalismo Diário. Pinto (2009) observa alguns outros tópicos imprescindíveis a esse tipo de texto, como informações precisas, frases claras, palavras precisas, verbos fortes, orações coerentes, sequencia correta de tempos verbais, detalhes em vez de adjetivos, adjetivos e advérbios bem colocados, exemplos concretos, uma ideia por parágrafo, transição entre um parágrafo e outro e gramática e ortografia corretas.

Por sua vez o texto deve ser organizado através da presença do *lead*, contexto histórico, dimensão quantitativa, opiniões relevantes sobre o fato, várias versões e vários lados da informação e para finalizar, quais as medidas serão tomadas agora.

- JORNALISMO LITERÁRIO

O jornalismo possui diversas especializações, uma delas é o Jornalismo Literário, também conhecido como Novo Jornalismo. Este subgênero difere-se do jornalismo diário por misturar jornalismo e literatura, através de textos criativos, sem a preocupação com a pirâmide invertida, valendo-se de uma análise mais detalhada e profunda:

Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*, evitar definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. (PENA, 2006, p. 13)

Essas características citadas por Pena formam a Estrela de Sete Pontas, um dos principais conceitos do Jornalismo Literário. A primeira ponta da estrela, potencializar os recursos do jornalismo, frisa que o Jornalismo Literário não pretende desprezar o que aprendeu no Jornalismo Diário, apenas aprimorar os princípios da redação e aplicá-los na forma de apuração rigorosa, observação atenta e ética na abordagem dos fatos.

A segunda ponta da estrela diz que se devem ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, ou seja, o jornalista deve romper com dois princípios do Jornalismo Tradicional, a periodicidade e a atualidade. A terceira ponta destaca o dever de proporcionar visões amplas da realidade. O conceito da terceira ponta é:

A preocupação do Jornalismo Literário, então, é contextualizar a informação da forma mais abrangente possível- o que seria muito mais difícil no exíguo espaço de um jornal. Para isso, é preciso mastigar as informações, relacioná-las com outros fatos, compará-las com diferentes abordagens e, novamente, localizá-las em um espaço temporal de longa duração. (PENA, 2006, p. 14)

A quarta ponta atenta para a necessidade de exercer a cidadania. Através de seus textos o Jornalismo Literário deve tomar o cuidado para contribuir para a formação do cidadão, para o bem da sociedade e para a solidariedade. O quinto item desta teoria, romper as correntes burocráticas do *lead*, implica dizer que os jornalistas do gênero literário podem e devem, ignorar a regra do *lead*, considerada por muitos profissionais da comunicação como uma camisa de força, o que gera textos mais criativos e elegantes.

O sexto item evita os definidores primários. O que significa que os jornalistas devem evitar as fontes oficiais, ou seja, governadores, professores, advogados, entre outros. Por conta da velocidade do Jornalismo Diário, os repórteres optam por buscar personagens que já estão legitimados. Entretanto o cuidado do Novo Jornalismo possibilita que seja ouvido o cidadão comum, a fonte anônima, os pontos de vista que nunca foram abordados e que provavelmente no Jornalismo Tradicional não teriam espaço.

A sétima e última ponta da estrela garante a perenidade dos fatos. Geralmente no Jornalismo Diário o fato narrado cai no esquecimento já no dia seguinte. No Jornalismo Literário esse fato deve ficar eternizado e passado de uma geração a outra, por isso uma obra feita sobre os preceitos do Jornalismo Literário não deve ser efêmera ou superficial.

O folhetim é considerado o pai do Jornalismo Literário, pois no século XIX grandes escritores passaram a produzir esse tipo de escrita nos principais jornais da época. Honoré de Balzac, na França, Charles Dickens, na Inglaterra, Camilo Castelo

Branco, em Portugal e Dostoievski, na Rússia.

No Brasil o folhetim também ficou conhecido como "crônica folhetinesca", justamente por ser um texto de ficção publicado em um espaço jornalístico. Aqui o seu maior representante foi Machado de Assis, não só com seus folhetins que criticavam a sociedade brasileira. Além do Bruxo do Cosme Velho outros escritores que se dedicaram a produção jornalística foram José de Alencar, Raul Pompéia, Aloísio de Azevedo e o Visconde de Taunay, entre outros.

Tanto no Brasil como em outros países essa contribuição de escritores ao jornalismo seria de vital importância para o surgimento do Jornalismo Literário. De acordo com Felipe Pena (2006) o termo Novo Jornalismo foi empregado pela primeira vez em 1887, e de maneira pejorativa, visando criticar o trabalho do jornalista britânico William Thomas Stead, editor da *Pall Mall Gazette*, que se valia de métodos pouco ortodoxos para construir suas reportagens, como por exemplo quando "comprou" uma menina de 13 anos para denunciar um caso de prostituição infantil.

Nesse contexto o termo novo jornalista fazia referência ao profissional desmiolado, cabeça oca, de ética questionável e profissionalismo duvidoso. Um conceito bastante diferente do atual.

De acordo com Tom Wolfe em seu livro *The New Journalism* (1975) o Jornalismo Literário, tal como conhecemos hoje, surgiu nos Estados Unidos na primeira metade da década de 1960, através de suas próprias mãos e mente. Em fins de 1963 e início de 1964, Wolfe, então um jornalista da revista *Esquire*, redigiu uma matéria sobre a customização de carros na Califórnia. Ao invés de apresentar uma matéria calcada nos elementos do Jornalismo Diário, Wolfe a escreveu do jeito que bem quis, dizendo tudo o que queria sobre o assunto. A matéria foi publicada, e imediatamente levantou discussões sobre até que ponto a Literatura poderia se fundir ao Jornalismo.

O que vai proporcionar o advento do Novo Jornalismo contemporâneo na década de 1960, nos Estados Unidos, é a insatisfação de muitos profissionais da imprensa com as regras de objetividade do texto jornalístico, expressas na figura do *lead*, uma prisão narrativa que recomenda começar a matéria respondendo às perguntas básicas do leitor. (PENA, 2006, p. 53)

Essa conceituação de Pena (2006) vai de encontro a ideia de Tom Wolfe (1975), que conceitua o Novo Jornalismo categorizando-o em quatro etapas. Reconstruir a história cena a cena, registrar diálogos completos, apresentar as cenas pelos pontos de vista de diferentes personagens e registrar hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas do personagem. Além de Tom Wolfe outros expoentes do Jornalismo Literário na imprensa estadunidense foram Truman Capote, Gay Talese e Norman Mailer.

No Brasil o Novo Jornalismo surgiu em 1966, com a publicação da revista *Realidade*, publicada pela Editora Abril, durante exatos 10 anos. Em plena ditadura militar a revista esmiuçava temas polêmicos, através de textos criativos, na primeira pessoa e impregnadas com a emoção pessoal de quem as escreviam. O jornalista tinha que viver ‘*in loco*’, os temas de suas reportagens para imprimir uma emoção real e pessoal a ao seu texto.

Ao longo dos anos surgiram outras publicações de Jornalismo Literário no Brasil, como a revista *O Pasquim*, lançada em 1969, e sobre tudo a vertente do Novo Jornalismo que mais faz sucesso no país, o livro-reportagem.

- **LIVRO- REPORTAGEM**

Estudiosos do Jornalismo Literário, como Eduardo Belo e Edvaldo Pereira Lima, defendem a reportagem em livro como o viés mais popular da Literatura de Não-Ficção. Tanto no Brasil como no resto do planeta.

O Livro-Reportagem surgiu em meio ao rebuliço provocado pelo Novo Jornalismo na década de 1960, a partir da insatisfação dos profissionais do meio com a burocracia e a superficialidade do Jornalismo Diário, sempre motivado por fatores como falta de tempo e dinheiro para investir na apuração e leitores dispostos a ler reportagens longas.

Livro-Reportagem é classificado como um:

Veículo de comunicação jornalística não periódica, o livro-reportagem é um produto cultural contemporâneo bastante peculiar. De um lado, amplia o trabalho da imprensa cotidiana, como que

concedendo uma espécie de sobrevida aos temas tratados pelos jornais, [...]. De outro, penetra em campos desprezados ou superficialmente tratados pelos veículos jornalísticos periódicos, recuperando

para o leitor a gratificante aventura da viagem pelo conhecimento da contemporaneidade. (LIMA, 1993, p. 7)

Isto significa dizer que o Livro-Reportagem é um produto jornalístico mais complexo do que a reportagem convencional, pois ela traz à baila ângulos de determinados assuntos que não teriam espaço no Jornalismo Tradicional.

Belo (2006) cita que a obra *Hiroshima*, do jornalista norte-americano John Hersey, foi uma prévia do que seria o Livro-Reportagem. Em 1946 Hersey escreveu um artigo para o jornal *The New Yorker*, sobre um grupo de pessoas que sobreviveram ao ataque atômico na cidade de Hiroshima, no Japão. O artigo ocupou todo o espaço gráfico do jornal, substituindo todas as seções do periódico, e fez tanto sucesso que meses depois foi reeditado em formato de livro.

Entretanto o Livro-Reportagem considerado como o ponto de partida do gênero foi *A Sangue Frio* (1965) de Truman Capote, uma grande reportagem que esmiuçou o antes, o durante e o depois do massacre de uma família no interior do Kansas, nos Estados Unidos, em 1959.

O livro é considerado um dos expoentes do Novo Jornalismo e o detonador da chamada reportagem em livro, apesar de até hoje gerar controvérsias. Os críticos alegam que apesar da obra ser baseada em pessoas e situações reais e de Capote ter utilizado técnicas jornalísticas, como entrevista e apuração, algumas passagens do livro são claramente ficcionais.

No Brasil o Livro-Reportagem teve o seu embrião em *Os Sertões* (1902), icônica obra de Euclides da Cunha que narra o cotidiano da Guerra de Canudos (1896-1897), no interior da Bahia. O livro nasceu do período em que o escritor e jornalista passaram no sertão baiano acompanhando o conflito como correspondente do jornal *O Estado de S. Paulo*.

Sem ter consciência, Euclides da Cunha adotou na narrativa do seu livro uma linguagem própria do Jornalismo Literário, que só surgiria meio século mais tarde, como: a descrição detalhada de cenas; linguagem criativa e livre das regras jornalísticas;

análise profunda dos fatos e a figura do repórter participativo, ou seja, o jornalista que vivencia em campo o tema de sua reportagem.

A expansão do livro-reportagem em solo brasileiro acontece a partir da década de 1970 e encontrou na figura de José Louzeiro o seu maior divulgador. Autor de grandes reportagens em livro como, *Aracelli, Meu Amor* (1976) e *Lúcio Flávio, O Passageiro da Agonia* (1976), ambos sobre crimes de grande repercussão no país dos anos 70 do século XX.

Atualmente alguns dos maiores representantes do Livro-Reportagem no Brasil são Ruy

Castro, Fernando Moraes e Caco Barcellos. Ruy Castro é o autor de obras como *Chega de Saudade* (1990), que reconta a história do gênero musical Bossa Nova e *A Noite do Meu Bem* (2016), sobre o estilo musical conhecido samba-canção. Já Fernando Moraes é o responsável pelas reportagens em livros que contam a trajetória da militante comunista Olga Benário e do empresário Assis Chateaubriand.

Diferente dos dois autores citados, que partem de uma perspectiva cultural, o jornalista Caco Barcellos, remetendo a José Louzeiro, dá enfoque a temas sociais e policiais como nas obras *Rota 66* (1992), sobre a chacina de um grupo de jovens em São Paulo e *Abusado- O Dono do Morro Santa Marta* (2003), sobre um narcotraficante do Rio de Janeiro.

De acordo com Edvaldo Pereira Lima (2004), o Livro-Reportagem pode ser classificado em 13 tipos diferentes: perfil, depoimento, retrato, ciência, ambiente, história, nova consciência, instantâneo, atualidade, antologia, denúncia, ensaio e viagem.

O Livro-Reportagem-Perfil caracteriza-se por apresentar o lado humano de uma personalidade pública ou anônima. A biografia é uma variante deste tipo de livro-reportagem. O Livro-Reportagem- Depoimento reconstitui um acontecimento relevante, de acordo com a visão de um participante ou de uma testemunha privilegiada. Já o Livro-Reportagem Retrato, ao contrário do perfil, não focaliza uma figura humana, mas uma região geográfica, um setor da sociedade, um segmento da atividade econômica, com o objetivo de traçar um retrato do objeto em questão.

Por sua vez, o Livro-Reportagem Ciência tem a finalidade de realizar uma

divulgação científica, podendo também apresentar um caráter crítico ou reflexivo. Segue-se o Livro-Reportagem Ambiente que é destinado às causas ecológicas, podendo apresentar uma postura combativa, crítica e de conscientização ambiental. O Livro-Reportagem História focaliza um tema do passado, geralmente tendo algum elemento que o conecte com o presente.

O Livro-Reportagem Nova Consciência aborda temas das novas correntes comportamentais, sociais, culturais, econômicas e religiosas, como foi o caso da contracultura nos anos 60 do século XX. O Livro-Reportagem Instantâneo analisa um fato recém-concluído, mas com os contornos finais já identificáveis. O Livro-Reportagem Atualidade, diferente do Instantâneo, seleciona os temas atuais cujos finais ainda não podem ser reconhecidos.

O Livro-Reportagem Antologia reunirá reportagens agrupadas sobre diversos critérios, mas já publicadas na imprensa ou em outros livros. O Livro-Reportagem Denúncia, como o próprio nome já sugere, clama contra a injustiça, os desmandos dos governos e os abusos das entidades privadas, entre outros.

O Livro-Reportagem Ensaio é conduzido pelo autor de acordo com o seu ponto de vista, almejando convencer o leitor a compartilhar de sua visão sobre determinado tema. Por último surge o Livro-Reportagem Viagem, que apresenta como mote uma viagem a uma região geográfica específica, podendo retratar, sobre vários aspectos da realidade local questões sociológicas, históricas e humanas.

O Livro-Reportagem possibilita a extensão da pauta através de liberdades temáticas, de angulação, de fontes, temporal, do eixo da abordagem e do propósito.

De acordo com Edvaldo Pereira Lima (2004) a liberdade temática possibilita maior diversidade na narrativa do Livro-Reportagem, pois em uma reportagem convencional excluem do seu texto diversos pontos. O autor cita como exemplo o livro *Japanese Inn*, de Oliver Statler, que conta a história de um hotel no Japão. Durante a narrativa o enredo mistura passado e presente e vai contextualizando as transformações artísticas, políticas, econômicas, comportamentais e sociais vivenciadas pela comunidade japonesa, desde o seu período feudal até 1957. Em uma reportagem veiculada no Jornalismo Tradicional essa abrangência de temas seria acusada de falta de foco.

Por sua vez, a liberdade de angulação é vista como uma maneira do autor se desvincular dos limites impostos pelas grandes empresas jornalísticas, pois :

[...] Seu único compromisso é com sua própria cosmo visão e com o esforço de estabelecer uma ligação estimuladora com seu leitor, valendo-se, para isso, dos recursos que achar mais convenientes, escapando das fórmulas institucionalizadas nas redações. (LIMA, 2004, p. 83)

A liberdade temporal caracteriza-se por não deixar o Livro-Reportagem preso ao factual, podendo resgatar memórias passadas que ainda reverberam no presente. Como exemplo, podemos citar a obra *1968- O Ano Que Não Terminou*, de Zuenir Ventura, uma reportagem em forma de livro que narra os acontecimentos políticos e sociais daquele ano. Seus fatos ainda repercutem em 2017 e seus personagens são figuras atuantes no Brasil de agora.

A liberdade do eixo de abordagem permite que a reportagem em livro penetre em situações ou em questões mais duradouras, possibilitando um mergulho mais profundo nas situações e questões, o que leva a reportagem a encontrar o âmago dos conflitos.

Lima (2004) finaliza sua abordagem sobre a extensão da pauta explicando sobre a liberdade de propósito. Segundo o autor os outros tipos de liberdade, usadas em conjunto, permitem ao livro ter um alvo mais elevado do que a informação anestesiada, que a reportagem comum normalmente emprega.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização deste trabalho acadêmico a presente pesquisa pretende desenvolver alguns tipos de procedimentos metodológicos, a fim de otimizar e viabilizar a realização do trabalho acadêmico que tem como tema o Jornalismo Literário.

Primeiramente como meio utilizado para a obtenção de informações o projeto irá partir de uma pesquisa bibliográfica, através de livros, artigos científicos e ensaios, tomando por base as obras e conceitos de Felipe Pena (2006) e Eduardo Belo (2006). Como complemento a esses dois autores surgem nomes como Lima (2004), utilizado para identificar qual o tipo de livro-reportagem que caracteriza o objeto de estudo, Araújo (2007), Ballerini (2015), Bulhões (2007), Wolfe (2005) e Pinto (2009). Em determinado ponto do trabalho será necessária a abordagem do Jornalismo Cultural, onde serão abordados autores como Gadini (2009) e Piza (2003).

De posse deste material bibliográfico o trabalho irá analisar como suas teorias e conceitos são aplicados no objeto de estudo da pesquisa, o livro-reportagem *Chega de Saudade*, de Ruy Castro. A pesquisa bibliográfica se mostra importante para a coleta de dados e informações sobre os conceitos da Comunicação Social que serão abordados no projeto acadêmico, como o Jornalismo Literário, o Livro-Reportagem e o Novo Jornalismo.

O presente trabalho tem por objetivo realizar uma análise de conteúdo, pois irá analisar os conceitos do Jornalismo Literário e do Livro-Reportagem na obra *Chega de Saudade*, de Ruy Castro. Visando atingir esse objetivo o trabalho irá identificar no objeto todas as categorias da Estrela de Sete Pontas, formulada por Felipe Pena (2006). São elas: potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano, ter visão ampla da realidade, exercitar a cidadania, ignorar o *lead*, evitar os definidores primários e possuir perenidade.

Em determinado momento da pesquisa os autores devem fazer um mergulho pelo Jornalismo Cultural, pois esta vertente do jornalismo está ligada a Literatura de

Não-Ficção. Assim será observada a contribuição do Jornalismo Cultural na produção do Jornalismo Literário, tendo como base Piza (2003)

A abordagem pode ser classificada como uma pesquisa qualitativa pois uma das propostas do trabalho é investigar se há elementos do Jornalismo Literário na obra *Chega de Saudade*. Para isso iremos analisar as características deste gênero jornalístico e mais tarde identificá-los no objeto de estudo.

O presente trabalho é constituído por uma análise de conteúdo do objeto contemplado, o livro-reportagem *Chega de Saudade*, pois iremos realizar um estudo detalhado desta obra com o objetivo de analisar a presença e as características da Estrela de Sete Pontas e do Livro-Reportagem. Para isso serão levantados os elementos desses dois pontos sob a ótica de Felipe Pena (2006), Eduardo Belo (2006) e Edvaldo Pereira Lima (2004).

O trabalho se propõe a analisar o conteúdo da obra *Chega de Saudade*, para a partir desse ponto observar de que forma ele se relaciona nas definições dos três autores citados no parágrafo anterior.

Para que esta análise de conteúdo seja realizada da maneira mais detalhada possível utilizaremos como base referências bibliográficas, artigos científicos, textos especializados e entrevistas retiradas da Internet. A entrevista em questão, realizada pelo jornal lusitano *O Público* e retirada do site do periódico será com o jornalista Ruy Castro, autor da obra analisada e será importante porque em determinado momento do trabalho teremos que explicar o contexto em que o livro-reportagem analisado será produzido.

Como método de abordagem da pesquisa será utilizado o Fenomenológico, pois durante o trabalho pretende-se estudar o fenômeno do Jornalismo Literário e uma de suas principais vertentes, o Livro-Reportagem. A pesquisa deve estudar o fenômeno da convergência entre Jornalismo e Literatura e o seu contexto dentro da Comunicação Social.

Quanto a coleta de dados iremos nos valer de pesquisas bibliográficas, pois para a realização da projeto precisaremos analisar os elementos do Jornalismo Diário, do Jornalismo Literário e do Livro-Reportagem, valendo-se de leituras analíticas e

interpretativas.

CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO DA PESQUISA

ATIVIDADE	SEMESTRE 2018/1				
	FEVEREIRO	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUNHO
Análise e adequações pré-projeto	X				
Revisão da literatura	X	X			
Análise do objeto de pesquisa		X	X		
Pesquisas em jornais, revistas e sites		X	X		
Análise do Jornalismo Diário e Literário		X	X		
Análise do Livro Reportagem			X		
Identificar a convergência entre jornalismo e literatura.			X	X	
Edição e finalização do projeto				X	
Apresentação a banca de qualificação					X

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ellis Regina. **Obras jornalísticas: uma síntese** / Elis Regina Araújo, Elizete Cristina de Souza. – 3. ed. - Brasília: Ed. Vestcon, 2007. 555 p.

BALLERINI, Frantjesco. **Jornalismo Cultural no século 21: literatura, artes visuais, teatro, cinema e música: a história, novas plataformas, o ensino e as tendências na prática.** – São Paulo: Summus, 2015. 223 p.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem.** 1. ed. São Paulo: Contexto, 2006

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência.** 1 ed. São Paulo:

Ática, 2007. LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem.** 1. ed. São Paulo:

Brasiliense, 1993.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** 4 ed. São Paulo: Manole, 2004.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário.** 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

PINTO, Ana Estela de Sousa. **Jornalismo Diário.** 1. ed. São Paulo: Publifolha, 2009.

ROMANCINI, Richard; LAGO, Cláudia. **História de jornalismo no Brasil.** Florianópolis: Insular, 2007. 280 p.

WOLFE, Tom. **The new journalism.** 1. ed. Nova York: Harper, 1975.